



2º. Simpósio sobre A Formação do Analista

Recife, 11 de maio de 1996

Uma das primeiras reuniões ocorridas no Traço Freudiano sobre A Formação. As inquietações e dúvidas daqueles que se encontram em formação indo ao encontro daqueles que já praticam a psicanálise, tudo permeado por referências às experiências anteriores, tentativas de teorizações e bibliografias relevantes sobre o tema.

Revisão : **Paulo Roberto Medeiros e Edna Porto**
Transcrição, digitação, arte e editoração: **João Rego**

Cadernos do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

II Simpósio sobre a Formação do Analista.

Recife, 11 de maio de 1996, Sede do **Traço Freudiano Veredas Lacanianas**
Publicado em Cadernos do **Traço Freudiano N ° 1**

Sinopse

Uma das primeiras reuniões ocorridas no **Traço Freudiano** sobre **A Formação do Analista**. As inquietações e dúvidas daqueles que se encontram em formação indo ao encontro daqueles que já praticam a psicanálise, tudo permeado por referências às experiências anteriores, tentativas de teorizações e bibliografias relevantes sobre o tema. **(publicado)**

Apresentação

Este texto é o resultado da transcrição das discussões ocorridas no Traço, em 11 de maio de 1996, sobre a *Formação do Analista*. O assunto girou, essencialmente, sobre qual o papel da instituição na formação do analista. Mais especificamente, qual o papel do *Traço* na *formação* daqueles que dele fazem parte e se encontram nesta caminhada, voltados para virem a exercer a função de analista.

A idéia de transcrever o debate surgiu já no final do mesmo, refletindo a preocupação do *Traço* em tentar desvendar a densa complexidade que envolve o tema da *formação*.

No texto que vem a seguir, identificam-se, desde o início, o confronto de dois movimentos: o primeiro formado pelas questões daqueles que se encontram em *formação*, vindos cada um, através de suas experiências particulares com a psicanálise, buscando respostas que mostrem o sentido da formação analítica; o segundo, são as colocações dos analistas da instituição transmitidas, através da experiência com a clínica e da instigante e permanente convivência com a teoria e, suas distintas visões sobre o tema.

O resultado é um texto rico e vivo que joga luzes sobre aspectos teóricos da psicanálise, sobre a história do movimento lacaniano, sobre o poder na instituição, sobre prática clínica, etc.

Assim, recorta-se o tema da *formação* pelos mais diversos ângulos, tudo de forma descontraída, evitando-se aquela nefasta posição de mestres ensinando aos neófitos um saber inacessível trazido do Olimpo. Ao contrário, toda a transmissão do saber é feita de forma descentralizada e participativa, uma forte característica do *Traço*.

Descontração, entretanto, não é sinônimo de insegurança e falta de densidade teórica e prática. O oposto talvez o seja. Pode, como é o caso desta instituição, ser uma rica e corajosa opção de ensino e troca, onde o que sabe mais se coloca em uma atitude de respeito à diversidade e a natural limitação daquele que está ainda iniciando a sua caminhada. Esta, acredita-se, é uma característica importante na transmissão do saber em psicanálise.

Este primeiro exemplar de "Cadernos do Traço Freudiano " se propõe a ser o início da sistemática publicação da transcrição dos simpósios e eventos que freqüentemente são promovidos pela instituição.

João Rêgo

Comissão de Editoração de Cadernos do Traço Freudiano

Edna
Eugênia
João Rêgo

Porto
Menezes

Isso vigora ainda em nosso meio, e Lacan rompeu com isso, abrindo, escancarando, eu diria, a possibilidade da formação,...., de ser analista em todas as outras áreas. Então, para mim, a psicanálise é como se fosse um porto que a gente chegasse depois de navegar por muitos e vários mares. Seja qual for a nossa formação ou (de)formação anterior. Então, Lacan foi quem, nesse sentido, nos autorizou a ser analistas. Quer dizer, a partir desse reconhecimento da análise leiga. Isso para mim é ponto vital para o movimento laciano.(Paulo Medeiros)

Início do debate:

João Rêgo: O que nos trouxe para a reunião foi essa série de dúvidas com relação à questão da *formação* e o papel da Instituição na *formação*. Eu confesso que pelo que a gente tem analisado, e lido, ...,eu vejo esta questão da *formação* na instituição como uma coisa absolutamente nebulosa. E o que me impressiona - não sei se é porque o que estou lendo é apenas na área da escola lacianiana -, o que impressiona, é que você percebe um certo cuidado, uma certa preocupação dos autores em não amarrar nada. Se você pegar o Valabrega, ele vai fazer um trabalho, uma crítica sobre a questão das redes, a questão do autoritarismo na instituição, e propõe aquele negócio de análise quarta. Não sei se vocês leram o Valabrega? Análise quarta: uma amarração que ele faz com o supervisor e,...., enfim, um modelo que ele propõe lá no grupo dele. Eu nem sei se este grupo ainda existe hoje, e como é o papel dele lá na psicanálise na França. Mas o que eu percebo é o seguinte,...., teria um texto de Weill, também sobre um seminário a respeito da *formação*, e eu confesso a vocês que depois de ler Weill, o Valabrega,...., tem também o "*Fim de uma Análise*" de Pommier, o livro de Safouan. Mas, aquilo que eu estava atrás que era uma "receitazinha" (riso sarcástico) para a *formação* eu não encontrei. Eu vejo muita, claro,...., muita reflexão em cima disso, mas vejo que deixam sempre abertas as questões.

Ana Lúcia Falcão: Ô João! Eu acho assim: Eu não li os textos de que você está falando, mas eu acho que, neste sentido, eu não consigo achar que a instituição pode garantir. Sabe?. Eu acho que esse papel de garantir, ... a garantia não é da instituição. Não é, e nem pode ser!

Pensando nisso, ..., talvez, não sei se você fala nesse sentido. A garantia vem a partir de outros lugares. A instituição é um lugar para uma outra coisa que, eu acho que não tem haver com esta garantia. Eu acho que também não pode ter.

...eu não consigo achar que a instituição pode garantir. Sabe?. Eu acho que esse papel de garantir, ... a garantia não é da instituição

João Rêgo: Não, na realidade o que eu percebi é que há dois extremos: o da IPA onde há toda uma burocracia centrada em cima de,...., toda relação que se institucionaliza; o que a perpassa é a questão do poder. E a IPA, ela tem isso, vamos dizer, como um extremo. Aquela questão burocrática, tal,...., a questão do poder. Por exemplo, o poder de determinar quem vai ser o analista e tal, e no outro extremo, o que é colocado, é a absoluta anarquia em termos de...

Ana Lúcia Falcão: Agora a garantia, essa garantia que eu falo, por exemplo,...., essa burocracia também não garante, quer dizer,...., que a burocracia nesta instituição tenha como efeito um certo *passé*, pode ter para aquelas pessoas, agora que a burocracia possa garantir alguma coisa também eu acho que não garante. Porque não é você,...., você que é secretário, depois passa a não sei quem, depois faz análise com não sei quem, depois, o,...., isso não vai garantir que você tenha uma *formação* que tenha um efeito bom, e que você vai atender de uma forma, não é? Eu acho que não.

João Rêgo: Eu acho que a garantia, ela passa principalmente pela análise do sujeito. A análise,..., eu acho que este é um ponto que talvez estes vários grupos concordem fundamentalmente. Que a análise é o ponto central da questão da *formação*. Agora eu confesso que

Taciana Mafra: Que garantia heim?! Como é essa garantia?

João Rêgo: Eu acho que essa garantia que Ana está falando é aquela garantia que vai dar,, um certo espaço institucional para o analisante exercer a função de analista. Dar este passo...

Taciana Mafra: Vai dar um certo espaço institucional.

João Rêgo: Sim. "*Olhe você,..., tal já pode começar a exercer essa função*". Porque para quem está apenas na função de analisante, somente analisante, há um certo, um certo momento,..., onde ele se sente, claro, inseguro. Solitário para tomar a decisão de vir a ser analista. E aí o papel da instituição talvez servisse como uma espécie de suporte, ou uma referência, um balizamento para o sujeito. Houve um dia que eu comentei aqui. Olha, eu vou fazer 10 anos de análise. São uns 4 anos que surgiu este desejo pela *formação*. Não é? Ah,..., e me encontro numa posição perante a instituição, é ,..., eu demando à instituição, que ela diga: "*Olha. Tu estás numa caminhada. E tu tens ainda tantos quilômetros para andar, ou tanto tempo para percorrer*". O que a gente espera da instituição é um balizamento mínimo. Eu sei que é difícil. Mas, é um balizamento mínimo. Eu acho que só análise, por mais bem feita que ela seja, o sujeito não tem um referencial. Entende Taciana? Então, eu estou colocando aqui,..., acho que o papel da instituição, eu acho que além da *formação*, ela teria que ter um mínimo de habilitação.

Ana Lúcia Falcão: Pronto ! Aí é que eu não sei se pode ser.

João Rêgo : Aí é que é o nó!! Aí é que é o nó!!

Ana Lúcia Falcão: Aí é que eu não sei se pode ser. Quando eu falo da garantia que Taciana perguntou. Eu penso assim: garantia de que você pode atender como analista, bem. Não é? Eu acho que teria um efeito de um...

Lídia Goldfarb: Vou colocar uma "questãozinha" assim, bem sutil (em tom irônico). Tipo...hum...paquidérmica. Mas, se há instituições que dão esta graduação "*Você está formado, está aqui o certificado, você pode fazer isso*". Porque é que não se busca essa instituição? Porque é que se busca uma instituição que tem uma outra visão com relação à *formação*? O que é que está se buscando?

João Rêgo: Não, Lídia, eu acho que a questão não é essa não!!

Pedro Leonardo: Mas esta é a questão dela!

João Rêgo: Sim, mas a questão que a gente está discutindo não é a outra instituição. Essa a gente conhece.

Lídia Goldfarb : Pois é!

...o que a gente está discutindo é o mínimo de, o mínimo de,..., de regras, não sei se é possível, no Traço com relação a formação. Até dizer "Olha a gente não tem regras".

João Rêgo: A busca dessa, ou seja, de chegar aqui no *Traço*, ela tem todo um processo muito antes de conhecer o *Traço*. Que é o envolvimento com a escola laciana. Se você chegar no CEF(Centro de Estudos Freudianos), também eles não vão dar garantia. Certo? Não dá garantia. O que a gente está discutindo,...,- isso aqui eu creio que todos nós já ultrapassamos esta questão -, o que a gente está discutindo é o mínimo de, o mínimo de,..., de regras, não sei se é possível, no *Traço* com relação a formação. Até dizer "Olha a gente não tem regras".

Isabela Cribari: Eu acho que você pode estar até um pouco mais adiantado do que eu nesta questão, neste pensamento. Eu vejo assim como ela diz,..., um pouco diferente também. Não é porque buscar uma instituição que tem uma visão diferente da *formação*. Eu acho que essa reunião - pelo menos assim eu entendo -, por isso que eu achei que você estava adiantado, já querendo as regras, é saber o que é que a instituição pensa a respeito da *formação*.

Lídia Goldfarb: Siiim!?!

...eu não sei qual é a forma. Pessoalmente, eu estou aqui para saber também. Qual é a forma que se pensa, o que se está pensando a respeito disso, em conjunto, com as pessoas que fazem a instituição, que estudam na instituição

Isabela Cribari: Seria colocar um pouco mais claramente, numa discussão, sobre o que as pessoas estão querendo, estão pensando, e o que é que a instituição se propõe. O que é que a instituição pensa a respeito disso. Quer dizer, da forma como você colocou (indecifrável) é diferente como eu estava entendendo . É como se essa instituição pensasse de uma outra forma em relação a instituição (*formação?*)^{NT} . Bom, pode ser até que seja, eu não sei qual é a forma. Pessoalmente, eu estou aqui para saber também. Qual é a forma que se pensa, o que se está pensando a respeito disso, em conjunto, com as pessoas que fazem a instituição, que estudam na instituição. Em relação ao que vocês estavam falando antes. João e Ana , eu senti muito a falta, ..., quer dizer, a análise pessoal, eu acho que é o mais importante para a pessoa querer ser psicanalista, querer exercer a psicanálise. É o seguinte: falta sim, do que vocês estavam falando, e uma outra coisa que também é muito importante, que é isso, basicamente, o que a gente faz aqui, a análise que a gente faz em algum lugar, mas aqui o que se faz basicamente é o estudo. Então, eu acho que tem que associar bem isto. A análise pessoal com o estudo. Eu acho que isto também tem a haver com esta questão. Será que esta instituição se propõe apenas ao estudo? Não é? Então é isso que eu pessoalmente vim saber, vim ouvir, vim saber o que é que as pessoas estão querendo, estão percebendo? O que é que a instituição está se propondo? O que é que as pessoas que fazem a instituição pensam sobre a *formação*? O *passé*? Essa é basicamente a minha questão.

Paulo Medeiros: É, parece que essa discussão nos permitiria uma certa distinção. Eh!, em um primeiro momento. Eu digo primeiro momento, porque nós vamos constatar a partir de hoje - se já não constatamos antes -, que há uma distinção, ao meu ver, entre: ser analista e formação do analista. Acho que podemos pensar nessa distinção. Afinal de contas, o desejo de ser analista é distinto do desejo do analista e a *formação* propriamente dita. Porque, desde os começos,..., de algum modo, quando nos propusemos à institucionalização do *Traço*, era no sentido de ser mais um lugar que oferece, ..., se oferece à *formação*.

Isso para mim é o princípio,..., assim, é precípua numa instituição psicanalítica. Como também há uma distinção a ser feita entre análise e psicanálise.

Psicanálise não é análise. Psicanálise é outra coisa.

Então, há esta distinção que eu acho que nós podemos estabelecer. E essa reunião de hoje, para mim tem uma conotação importantíssima, no sentido de que nós nos propomos a atender a uma demanda por *formação*.

E também, eu penso que há possibilidades - e isso apesar de toda a fragmentação, eu diria até certo ponto saudável -, porque essa fragmentação no movimento psicanalítico, a mim, implica a divisão do sujeito. Então, a partir disso, quero dizer, considerarmos a divisão do sujeito, o sujeito barrado, isso já nos situa numa condição de oferecer a possibilidade desse debate.

Agora, o que me parece, do que se trata também, é de pensarmos como é possível - distinguindo ser analista de *formação* do analista -, como é possível, e aí é que eu acho, nós é que temos de encontrar nosso caminho, como é possível, de algum modo, uma formalização dessa *formação*.

Que não é uma garantia do sujeito ser analista. Isso é outra coisa! Mas a garantia do ensino, do ensino da psicanálise. Distinguindo psicanálise de análise. Não sei se vocês concordariam comigo nesse sentido. Então, a partir daí, nos resta muita coisa, é um material infundável - como a própria análise -, é um material infundável que se oferece à discussão sobre a formalização da *formação*. Então, eu até propus que nós começássemos a estudar alguns textos - é pena que Adriana não tenha chegado ainda -, porque eu repassei à Adriana alguns textos que seriam fotocopiados para que nós, a partir de hoje, tivéssemos assim, pelo menos um balizamento teórico, menos opinativo e mais formativo, a respeito da questão da *formação* de analistas.

Agora, o que me parece, do que se trata também, é de pensarmos como é possível - distinguindo ser analista de formação do analista -, como é possível, e aí é que eu acho, nós é que temos de encontrar nosso caminho, como é possível, de algum modo, uma formalização dessa formação

Desde quando foi marcada essa reunião, eu consegui trabalhar uma página só, só uma página, da "*Proposição de Outubro*" de Lacan, na qual ele acentua sobre a questão da *formação* na... (corrigindo-se), ele acentuou na *École Freudienne de Paris*. Então, julgamo-nos, de algum modo herdeiros dessa linhagem do ensino de Lacan, a partir da formalização havida na *École*, que se distingue também, assim como se distingue, ao meu ver, análise de psicanálise, distingue-se também a questão do *passé* e do reconhecimento. São outras coisas a serem discutidas.

Lídia Goldfarb: Ô !! Por favor, eu não sei o que é que ele falou em outubro.

Paulo Medeiros: Ah! Na primeira revista, número 1, chamada *Silicet*, no tempo da *École de Paris*. Há aqui uma proposição que tem o título "*Proposição de 19 de outubro de 1967*" sobre o psicanalista da *École*. Eu nem traduzo escola porque eu acho que aqui é *École*. *École* no sentido da instituição.

Taciana Mafra: Paulo! É dezenove?!!

Paulo Medeiros: É 9 de outubro de 1967. Eu disse 19? Pois é

Paulo Medeiros: Então, eu só consegui elaborar para hoje uma página disso aqui (apresentando a revista), e eu vou explicar a vocês porque. Há várias versões dessa proposição. Sendo que eu nunca me dei assim muito por satisfeito com a tradução que se dá a uma frase, e trabalhei para hoje com uma única frase, que para mim é vital nessa proposição, que diz o seguinte: Ah!...Ele diz aqui *D'abord un principe: le psychanalyste ne s'autorise que de*

lui-même. Eu não estou esnobando, eu estou querendo só me firmar na letra, não é? Quando eu estou lendo aqui em francês. Mas é o seguinte: (dito com ênfase) *De início, de começo, de princípio, um princípio*, um (dois pontos): aí diz o Lacan: *Le psychanalyste (o psicanalista) ne s'autorise que de lui-même*. Isso tem dado margem a muitas discussões nos meios lacanianos.

Então, há quem traduza esta frase assim: *De início um princípio, o psicanalista só se autoriza por si mesmo*. Eu não me contentei com essa tradução, porque há um *ne que* aqui no francês que enfatiza uma outra possibilidade, que seria a seguinte: o psicanalista **não** (com ênfase) se autoriza **senão** (com ênfase) depois vem *de lui même, ...não é de soi même* porquê a gente sabe que o *si* para a psicanálise não existe. O *si* da filosofia, ..., é por isso que eu falei no sujeito barrado, porque esse *si* da filosofia, não, ..., não repercute ao nível de um *si* mesmo, para a psicanálise. Esse *de lui-même*, esse *de lui même*, é como se a gente pudesse traduzir mais ou menos assim: O psicanalista **não** (com ênfase) se autoriza, **senão**, ... ,dele mesmo, de nenhum outro e para nenhum outro.

Entendem? Quer dizer, um psicanalista não se autoriza **senão** dele próprio. Ele não se autoriza de um outro e nem autoriza a um outro. É dessa forma que eu consigo ler essa frase. E a coloco em discussão.

João Régio: E acaba aí a frase? Têm um *perante os outros* também, não têm? No final da frase?

Paulo Medeiros: Não.

João Régio: Não?!!

Paulo Medeiros: *Le psychanalyste ne se autorise que de lui même*. Ponto!!! hum!?

Everaldo Soares Jr.: A frase não continua Paulo?

Paulo Medeiros: Não.

Everaldo Soares Jr. e Pedro Leonardo: O que é que vem em seguida?

...é como se a gente pudesse traduzir mais ou menos assim: O psicanalista **não** (com ênfase) se autoriza, **senão**, ... ,dele mesmo, de nenhum outro e para nenhum outro. Entendem? Quer dizer, um psicanalista não se autoriza **senão** dele próprio. Ele não se autoriza de um outro e nem autoriza a um outro

Paulo Medeiros: Em seguida vem: *Ce principe* (traduzindo), ...,esse princípio, *est inscrit*,..., é, está inscrito, ...*aux textes originels*, nos textos originais, *de l'École*, da Escola, *et décide de sa position*,..., e decide de sua posição. É uma outra frase, a seguir.

Everaldo Soares Jr.: Interessante....

Paulo Medeiros: Então, ao meu ver, essa frase, ..., esse enunciado de Lacan, ele é de vital importância para a gente fazer esta distinção entre: o psicanalista, entre ser psicanalista e a psicanálise. Porque o que eu entendo por psicanálise, não é análise não, psicanálise é outra coisa, não é? E jamais substituirá a análise.

João Régio: Como é que você entende?

Paulo Medeiros: Já disse. Eu entendo que: o psicanalista não se autoriza, senão dele próprio, dele mesmo, não de nenhum outro, e não para nenhum outro, quer dizer,...., isso distingue inclusive uma certa tradição na nossa cultura, que prevalece, digamos assim, na institucionalização de uma passagem. De um saber,...., acho que apesar da falência, se a gente puder considerar, por exemplo, a falência da,...., da Igreja, quem conhece a Igreja sabe, por exemplo, que o *passee*, é feito por um *passee* de alguém para alguém. Então quando o sujeito se torna um sacerdote, lhe impõem as mãos, os bispos, as autoridades, e outros anciãos, correspondentes a uma autoridade na instituição.

Outorgam, simbolicamente, colocando as mãos sobre a cabeça de alguém, afirmando que a partir de então aquele sujeito é reconhecido também como fazendo parte daquele corpo eclesialístico.

Inclusive, eu reverteria a questão. Eu diria o seguinte: eu penso que não é uma instituição que reconhece o analista, mas é o analista que reconhece uma instituição. E dela faz parte. Isso inverte as coisas.....hum?.

Acho que qualquer instituição, mantém, de algum modo, diferentemente, essa,...., essa postura. Agora, aí a gente deve distinguir também, o que seria a instituição no seu sentido puramente burocrático, de funcionamento, e a instituição psicanalítica enquanto lugar de *formação*. Eu entendo que uma instituição psicanalítica deve se oferecer como lugar de *formação*. E para mim a pergunta que fica, e a resposta, só esse conjunto,...., só nós aqui hoje, poderíamos dar, quanto a como formalizar essa oferta por *formação*. Que modelo seguir?

João Régio: Paulo, então você aí estaria distinguindo dois momentos para o sujeito vir a ser analista, vir a exercer a função do analista. Um momento A que ficaria ao encargo da instituição que seria a *formação*. E um outro momento, que é um momento B, que seria o momento da habilitação. Esse a instituição não entraria...

Paulo Medeiros: Acho que esse não convém....

João Régio: Essa habilitação vem pela análise do sujeito.

Paulo Medeiros: Inclusive, eu reverteria à questão. Eu diria o seguinte: eu penso que não é uma instituição que reconhece o analista, mas é o analista que reconhece uma instituição. E dela faz parte. Isso inverte as coisas.....hum?. Agora, o que parece haver, até gera uma certa fobia, e essa fobia é muito acentuada pela instituição. Eh! porque dá até receio de se falar sobre isso, de se formalizar a *formação*. Há uma série de medos aí que eu acho que são passíveis de serem sobrepujados, na direção por uma *formação*, sendo que essa *formação* é ligada ao ensino.

E quando a gente fala no ensino, a gente pensa na transmissão. E quando pensamos na transmissão, e pensamos na psicanálise, nós estamos pensando na teoria psicanalítica. Essa se ensina. Qualquer pessoa pode chegar numa livraria para comprar as obras de Freud e de Lacan. O que fazer disso? É outra questão. O que nós podemos fazer desse ensino? Isso é uma outra questão. E também se há instituições psicanalíticas - e eu acho que é chover no molhado dizer isso, mas não sei se o é para todos -, é que Freud sempre afirmou que a psicanálise não se ensinaria nas universidades. Há um âmbito próprio à psicanálise. Agora, há um monte de textos que eu acho que a gente deve se propor a ler e a discutir.

Lê-los e discuti-los. Infelizmente não chegaram. Sempre falta alguma coisa. (*silêncio para uma pausa*) Mas este tom enfático em que estou falando, não significa absolutamente um termo final sobre a questão. A gente está aqui para discuti-la.

Eu estou colocando as coisas como elas me vêm à cabeça nesse momento. Isto não quer dizer que no final dessa reunião eu não possa pensar diferente.

João Rêgo: Essa colocação de Lacan, ela sempre me deixou muito inquieto em relação a isso. Porque, em certo aspecto você fica apostando num certo processo aleatório da vida de cada analisante para vir a ser esse analista. Ai há várias variáveis: a identificação com o próprio analista, a questão transferencial. E eu creio que pela *formação* talvez, aí as coisas vão clareando. Essa parte teórica, ela tem esse papel, talvez, de jogar essas balizas que eu disse que estava atrás agora há pouco. Eu acho que a parte teórica tem esse papel.

Paulo Medeiros: E Lacan nunca desprezou certas categorias da história do movimento psicanalítico. Ele questionou, por exemplo, a análise didática. Mas ele a questionou dizendo que toda análise é didática. Ele questionou radicalmente, isto é, em suas raízes.

E ao invés de colocar a hierarquia enquanto reconhecedora e habilitadora para alguém exercer a psicanálise, ele instituiu o que chamou o *passé*. E diga-se de passagem - ele próprio reconheceu -, que fracassou na *École*. O que não quer dizer que não se encontrem modalidades para esse *passé* que ele propôs. Mas isso já é um outro capítulo referente à *formação* do analista.

O primeiro capítulo, ao meu ver, - não sei se eu estou fragmentando muito a coisa -, mas o primeiro capítulo ao meu ver, no sentido da instituição, é como é que uma instituição psicanalítica pode formalizar o ensino da psicanálise. Como pode formalizar a *formação* do analista. E quando sempre que me perguntam como é a *formação* - alguém no grupo de estudos -, eu digo: *Mas você não está fazendo a sua formação aqui ?Está estudando Freud, estudando Lacan, não é?*

Lídia Goldfarb: Eu levei um susto quando Pedro disse isso para mim. Porque eu sempre disse... (indecifrável) ...não vim a reunião. Mas a minha intenção é de informação. Não estou querendo *formação*. Ele disse: *Você está estudando Freud. Você já está fazendo formação!* Eu levei um susto.

Paulo Medeiros: Ah! mas aí é uma outra distinção Lídia, que eu acho que nós podemos fazer a partir do que Lacan propôs. Ele propôs uma distinção, entre o que seria a psicanálise em *intensão*, que visaria à *formação*, e a psicanálise em *extensão*, que seria no nível da informação, que seria no nível do intercâmbio cultural, a psicanálise com outra área do saber...

Gedalva Rapela: Eu me sinto inserida aí. Onde você falou agora, na *extensão*. Eu me sinto inserida nesse lugar.

Pedro Leonardo: Quem sabe? Você sabe?!!

Gedalva Rapela: Eu estou falando do que eu sinto agora. Hoje. Do meu sentimento.

O analista não se autoriza senão por si mesmo. Que era para tirar um pouco o poder das instituições dos modelos clássicos de formação. Levou ao contrário, levou ao que? Levou a ele autorizar. Ele está autorizando. O próprio Lacan está autorizando.

Pedro Leonardo: Paulo, espera um minuto (tomando a palavra). Lacan carrega uma certa maldição. Tudo que ele fala de um lado tende para o outro. Porque é interessante, essa proposição dele, levou ele a autorizar todo mundo a ser analista de uma maneira muito fácil. Não é? No *laissez-faire*.

O analista não se autoriza senão por si mesmo. Que era para tirar um pouco o poder das instituições dos modelos clássicos de *formação*. Levou ao contrário, levou ao que? Levou a ele autorizar. Ele está autorizando. O próprio Lacan está autorizando. Quando a gente lança mão da palavra dele, é o quê? É ele que está autorizando. Ele personalizou. Tirou da instituição e botou nele, Lacan. Então, eu acho que a gente deve conversar muito aqui entre nós. Entre nós aqui. Lacan autorizou. Eu espero que a gente converse mais para que a gente possa chegar ao nosso autorizar-se. Se é que isso é possível. Você sabe o que é que você está fazendo aqui? (dirigindo a pergunta para *Lídia*)

Lídia Goldfarb: Eu pensava que sabia! A essa altura, eu fico caladinha.

André (O visitante): Talvez a gente esteja vendo Lacan como aquele que possa nos autorizar (**Pedro Leonardo**: Claro, claro!...) Pode partir de nós. Se a gente não vê assim....

Paulo Medeiros: É verdade. Acho que nós temos essa dívida para com Lacan, porque até Lacan,..., enquanto o próprio Freud,..., quando eu propus aqui - logo no início dos trabalhos -, que a gente lesse aqui '*A Questão da Análise Leiga*', foi justamente porque Freud foi quem mais defendeu a possibilidade da análise leiga.

E a partir do Instituto de Berlim, a partir da institucionalização da *formação* pela IPA, isso passou a ser um campo restrito à medicina. Recebendo as grandes críticas, por exemplo, como acontece em relação aos Estados Unidos em que à psicanálise tornou-se uma extensão da psiquiatria, como se fosse uma especialização psiquiátrica.

Isso vigora ainda em nosso meio, e Lacan rompeu com isso, abrindo, escancarando, eu diria, a possibilidade da *formação*,..., de ser analista em todas as outras áreas. Então, para mim, a psicanálise é como se fosse um porto que a gente chegasse depois de navegar por muitos e vários mares. Seja qual for a nossa *formação* ou *(de)formação* anterior.

Então, Lacan foi quem, nesse sentido, nos autorizou a ser analistas. Quer dizer, a partir desse reconhecimento da análise leiga. Isso para mim é ponto vital para o movimento lacaniano.

(Silêncio prolongado em todo o ambiente)

João Régio: Paulo, quando você coloca a questão da instituição,...,do *Traço* pensar e formalizar essa questão da *formação*, primeiramente de uma forma muito simples e muito prática, que talvez seja,..., - eu acho que vocês já devem até saber -, talvez seja fazer uma pesquisa e identificar como funciona isso em outras instituições lacanianas. A *formação*, eu não estou falando de *passé*, não. Esse primeiro estágio....

Paulo Medeiros: Agora eu não estou entendendo, quer dizer, eu quero entender mais essa distinção quando você diz *vocês*. Você não é do *Traço*? (**João Régio:** Sim..) Você não está procurando uma *formação* aqui? (**João Régio:** Estou...) Então porque está dizendo *vocês*? Isso, porque? Porque *Traço* foi fundado por analistas, isso marcou uma diferença. Uma diferença ao meu ver fundamental.

Quer dizer, o *Traço* foi fundado por analistas. Agora isso quer dizer que só compete à pertença ao *Traço* em sendo analista? Não. Então, a partir disso eu acho que a gente pode discutir essa distinção que há anos perdura, por conta dessa fundação. Não é?

Então, normalmente, por exemplo, você diz Paulo, não é a Paulo, dirija a sua pergunta à assembléia.

João Rêgo: Está certo, eu aceito a correção, eu acho...

Paulo Medeiros: E esse *vocês*, vamos tentar analisar porque eu (*vocês*) nós (*vocês*) não é? Porque o que há como proposição, não é que haja essa distinção no **Traço**, enquanto lugar de *formação*. (**João Rêgo:** Ótimo) Agora, se foi fundado por analistas, eu acho que foi um momento mítico, que vamos ter que conviver com isso.

João Rêgo: Talvez esse *vocês* demarque exatamente essa distinção entre a minha posição como analisante e a dos que fundaram o **Traço** como analistas (**Paulo Medeiros:** E acho bom...) Eu vou tentar corrigir isso, porque não é primeira vez que você me corrige. Mas então, a proposta que eu,..., - e isso é quase um desdobramento daquilo que você estava falando -, é que a coisa que me vem à mente, mais óbvia, mais simples, mais prática de se fazer, é tentar fazer uma espécie de uma investigação, não sei,..., como funciona a Associação Freudiana, como funciona nas outras instituições essa questão da *formação*?

Paulo Medeiros: Aqui nessa bolsa que eu carrego, há um monte de material,..., é porque, veja,..., há um material imenso, há uma, há uma,..., acho que nós poderíamos, se houvesse possibilidade de uma distinção em uma biblioteca, de um item só referente a isso, há um material infundável a respeito. Mas me parece que a gente poderia disciplinar, digamos, a nossa leitura a partir de alguns textos e prosseguir, até um ponto em que nós pudéssemos comparar o que nós fazemos com outras instituições. Não falta material sobre o assunto.

Ana: Lúcia: Mas o **Traço**, eu acho que tem uma marca de diferença.

Rachel Bastos: E é a diferença que faz a diferença.

Ana Lúcia Falcão: Rapaz, o **Traço** tem uma marca de diferença. E eu acho que isso é que é importante. Não é para fazer uma pesquisa para ver como é que as outras funcionam, e aí o **Traço** se adaptar ao funcionamento,..., tá entendendo?

Toda vez que eu escuto essa palavra *autorização*, quem autoriza, quem pede *autorização*, eu fico sempre achando que essa palavra cabe muito numa pergunta que se faz a um pai. *Pai, você me autoriza a fazer algo, a não fazer algo? Qualquer coisa dessa ordem. O que recoloca, de novo, a psicanálise no encontro, na fundação dela, em relação à questão do pai.*

João Rêgo: Não é adaptação não, não é adaptação não!! O que eu estou querendo é o seguinte, a proposta,... ,tem alguma razão de a gente estar reunido aqui, não é? Estamos reunidos para discutir a questão da *formação*.

(várias pessoas querendo falar ao mesmo tempo)

Edna Mendes: Tem algumas coisas assim que eu acho,...,sabe João (**Paulo Medeiros:** Alto, Edna!) Ah! eu não consigo falar alto não. Eu estou hoje falando baixo,..., se não eu não falo. Toda vez que eu escuto essa palavra *autorização*, quem autoriza, quem pede *autorização*, eu fico sempre achando que essa palavra cabe muito numa pergunta que se faz a um pai. *Pai, você me autoriza a fazer algo, a não fazer algo? Qualquer coisa dessa ordem.*

O que recoloca, de novo, a psicanálise no encontro, na fundação dela, em relação à questão do pai. Agora, não me parece que a gente possa se desviar de pensar que o movimento da psicanálise está sempre presidido por isso, por essa elaboração da função paterna, por essa elaboração da condição de filhos, da morte do pai, do nome do pai, do assassinato do pai, e fica... (indecifrável) ..a diferentes lugares disso. Você pode achar que ter encontrado um pai que lhe deu autorização para fazer análises, é um modo de lidar com essa questão.

Outra coisa é você achar que você pode ficar em um lugar, em elaboração, em que há que encarar a morte do pai e a condição de filhos de pai morto. E fazer um luto. É um outro lugar para entender essa *formação*. E me parece que isso dá um certo destino, dentre outras coisas, um certo destino a como as instituições vão se propor a serem esse lugar de elaboração, sabe? Para mim, assim, a burocracia que isto aí gera, é um produto bastante secundário.

Pedro Leonardo: Não!!! Não é secundário.

(várias pessoas querendo falar ao mesmo tempo)

Edna Mendes: Não é secundário no sentido de menos importante não. É secundário no sentido de que é derivado,..., derivado..

Ana Lúcia Falcão: Derivado para essa instituição talvez (referindo-se ao *Traço*) mas para outras é principal.

Edna Mendes: Derivado no sentido de que *tem origem em,...*, nesta questão *função paterna*, fazer disso um luto. Ou fazer disso uma promessa de alguma outra coisa. Então, é viver sob a égide de um pai que nunca morre, ou viver a égide de uma irmandade fratricida, que parece mais a cara de ...(indecifrável)

Lídia Goldfarb: Ih! Que negócio difícil!!

Paulo Medeiros: Eu não entendi muito não. Espera aí...

Edna Mendes: É porque eu acho que Freud foi um pai mais organizado que Lacan. Elaborou essa questão da morte do pai, e é claro que Lacan dá passos aí, mas Lacan é um pai mais desorganizado do que Freud. Então eu acho difícil,..., ele é meio doído, teve um tempo desse,..., ele encontrou o filho na rua e nem assumiu que era pai do filho.

Tem essas coisas na vida de Lacan. Então eu acho que entre os lacanianos essa forma de paternidade de Lacan, nos lança, entre tantas outras questões, um pouco mais adultos, a essa convivência de pares tão eternamente disputada, mas ao mesmo tempo, mais escancarada nessa desilusão de que o pai morre, de que a gente tem mesmo que encarar isso. É por aí. Não sei dizer mais outra coisa não, depois se vier mais eu digo.

Lídia Goldfarb: Nem precisa!

Isabela Cribari: Falando do pai, da autorização paterna. Quando você falou da morte do pai, ficou todo mundo triste.

Everaldo Soares Jr.: (dizendo para Pedro) Recoloca isso aí.

Pedro Leonardo: Hein!? Não no ponto em que a gente chegou agora, quer dizer,..., de que maneira se morre o pai, porque não se mata, se morre, não é? É preciso tomar cuidado para não morrer junto. De que maneira vamos matá-lo, ou vamos morrer-lo? É isso que estamos aqui para discutir. Quer dizer, simbolicamente, vamos estabelecer uma forma nossa,..., de *formação*, que passa pela morte lá dele. Não é? Então esse vai ser o nosso estilo, da maneira

como a gente entender aqui que será. Então, não tem que parar na morte, pelo contrário, a morte é que a gente vai, (*Everaldo Soares Jr.*: Eu entendi, me veio aqui um idéia) de que maneira a gente vai matar, melhor dizendo, de que maneira a gente vai viver essa morte. (*Edna Mendes*: Essa morte, qual será o nosso luto?), ou se a gente vai ficar maniaco e fazer de conta que não morreu, e vamos agora ocupar esse lugar (indecifrável) ou vamos ficar deprimidos e dar tudo por acabado, liquidado, porque morreu o pai, de culpa.

Então eu acho que entre os lacanianos essa forma de paternidade de Lacan, nos lança, entre tantas outras questões, um pouco mais adultos, a essa convivência de pares tão eternamente disputada, mas ao mesmo tempo, mais escancarada nessa desilusão de que o pai morre, de que a gente tem mesmo que encarar isso.

Everaldo Soares Jr.: Me veio uma idéia. Ainda em Freud, mas ou menos nessa época, quando ele procura formalizar a instituição psicanalítica, eu não tenho precisamente dados sobre isso, mas ele tinha uma perspectiva de proteger o desenvolvimento da psicanálise, enquanto ciência, enquanto teoria, enquanto prática, de inimigos externos, como por exemplo: a igreja, que tanto o atingiu, a medicina que tanto o atingiu, etc, etc, etc,...

Só que na formalização da instituição, ele procura um presidente para essa instituição, o Jung, fora do âmbito semita, não é? Que não atraísse lutas anti-semíticas, ou a psicanálise pudesse parecer como uma ciência dos judeus. Ele procura alguém fora, não é? O Jung. O Jung suíço, protestante, para ser o Presidente e há uma grande luta aí. Pois é, aí é que eu quero dizer, ao invés de, ..., ele proteger contra os inimigos da psicanálise de então, não é?

Ele se esquece dos inimigos internos do próprio movimento psicanalítico. Jung mata Freud de alguma forma. Talvez eu não tenha muita precisão se Jung mata Freud, mas ele o trai nesse parricídio. Ele o trai quando deixa de lado a teoria psicanalítica, os pressupostos psicanalíticos, e parte para questões biologizantes, místicas, médicas, culturais, esquecendo toda a trajetória conceitual da psicanálise até então. Então há uma traição aí, do Jung. Não é ?

Pedro Leonardo: Há uma traição do próprio Freud também. Quando ele estava escrevendo *A Questão da Análise Leiga* ele estava defendendo na França a posição da sociedade francesa, que só admitia médicos. Porque era importante para ele entrar na França. Então, quer dizer, ..., a condição humana, essa mesquinharia, a pequenez da condição humana você vai encontrar entre nós e entre eles.

Mas a questão que eu estou tentando chegar, é essa questão da morte do pai. O que é que é isso? Chegar a esse simbólico aí, fiel à transmissão, à prática psicanalítica. E não a traindo.

Everaldo Soares Jr.: Mas a questão que eu estou tentando chegar, é essa questão da morte do pai. O que é que é isso? Chegar a esse simbólico aí, fiel à transmissão, à prática psicanalítica. E não a traindo. Como foi feito?, ..., Eu usei o exemplo de Jung, mas poderia usar o de outro, certo? Dessa época freudiana, Adler, sei lá mais quem, Stekel e vários outros. Eu acho que estou tentando chegar a essa questão aí, ao pai que responde a essa autorização, ou o autorizar-se a partir desse pai morto. Agora sem a traição à psicanálise. Porque eu acho que na psicanálise institucionalizada burocraticamente, não há, apenas é, ... é, ... um pai que responde burocraticamente às demandas do filho, de autorizar-se e de praticar a psicanálise, eu acho

que há uma traição ao próprio movimento psicanalítico, à própria prática psicanalítica e à sua transmissão. Certo?

Eu acho que há isso por aí. Porque na *História do Movimento Psicanalítico*, de 1914, tem uma frase de Freud que me chama muito a atenção. Quando ele coloca, como é,..., ele diz: *Quem for por aí, mesmo chegando a resultados diferentes do que eu chego, eu reconheço como psicanálise.(pausa)*. Claro que há toda essa questão aí, um meio muito fortemente transferencial, entre esses primeiros psicanalistas, não é? E até hoje, também.

Se você reunir duas pessoas para fazer qualquer coisa, em conjunto, vai ter essa relação do poder, que se não cuidar, vai ter o autoritarismo, vai ter um bocado de coisa, que atrapalha e que vai de encontro a esse saber psicanalítico que é um saber libertário da condição humana.

João Rêgo: Eu acho que a gente vai ter que conviver com esse dilema: De ser uma instituição e ter que estar permanentemente fragmentando o aspecto do poder, que é intrínseco a qualquer instituição. Se você reunir duas pessoas para fazer qualquer coisa, em conjunto, vai ter essa relação do poder, que se não cuidar, vai ter o autoritarismo, vai ter um bocado de coisa, que atrapalha e que vai de encontro a esse saber psicanalítico que é um saber libertário da condição humana.

Isso talvez seja o grande nó que a gente vai ter que conviver com ele, um nó que não vai dar para desatar.

Pedro Leonardo: E como é que se é analista do *Traço*? (*Edna Mendes:* Como é o quê Pedro?) Como que se é analista membro do *Traço*. Basta pagar é?

Lídia Goldfarb: E está aberto o *Traço*?

Luciane Araújo: Eu vejo assim. De um lado um extremo, hierarquia e burocratização, mas também tem o receio de desorganização completa. Tudo aquilo que se pode ter numa situação da convivência com essa morte do pai, eu acho que se tem alguma coisa,..., que se tenha uma estrutura, alguma coisa que seja construída em torno desses irmãos, que dê uma diretriz, um caminho...(Edna Mendes: Que não seja um falsete...(indecifrável)

André (O Visitante): Eu acho que como você coloca é como se a gente tivesse que avaliar o quanto a gente está demandando alguma égide ou não. Não é alguma coisa assim? Então se a gente estiver demandando alguma coisa, então que a gente reconheça alguma égide e faça pelo menos dizendo: *Eu só posso fazer assim*. E se agente não demanda mesmo não...(indecifrável) para construir alguma coisa nova. Vai ser alguma coisa com esse sentido, assim: se a gente está demandando essa égide ou não, porque se não estiver demandando não(indecifrável)...então aí a gente vai....

Lídia Goldfarb: Isso é um samba do crioulo doido.

Pedro Leonardo: Fale Lídia...

Lídia Goldfarb: Não, eu só estou dizendo que está um samba do crioulo doido. Eu não estou conseguindo conectar nada ...com nada...

Pedro Leonardo: Vamos, fale alguma coisa.

Lídia Goldfarb: Não, tudo bem, eu estou aqui tentando baixar a poeira.

(comentários gerais diante da intervenção de Lídia)

João Rêgo: O que nós estamos tentando discutir aqui é questão que Paulo coloca: Discutir a questão de formalizar o papel da *formação*. Não foi isso que foi colocado?

Paulo Medeiros: Isso é o que está sendo demandado. (**João Rêgo:** Sim!!) Então, é um ponto a ser discutido.

João Rêgo: Formalizar a questão da *formação*, distinguindo-a da questão do *passé*, da habilitação. Apenas a *formação*. Então a gente não entrou na questão do *passé*, de autorizar-se, é só, ..., eu propus, e fui é...- a Ana contra - argumenta que não concorda -, que se fizesse um levantamento, sobre métodos e as formas que outras instituições, como é que elas lidam com isso - outras instituições lacanianas evidentemente -, como é que elas lidam com essa questão da *formação*, se há alguma diferença....

Edna Mendes: Mas qual seria a função desse levantamento?

João Rêgo: Apenas um balizamento, saber como é que a gente está, se todo mundo agir assim...(tentativa de **Ana Lúcia** de tomar a palavra)

Lídia Goldfarb: Mas essa é a proposta? A gente está querendo agir como os outros agem?

João Rêgo: Não, não, espera aí. A gente faz parte de um universo fragmentado, fragmentado,..., que sofre de uma síndrome da dissidência, que é o universo da transmissão da psicanálise. (**Edna Mendes:** Mas, espera aí João...) Deixe só eu concluir o raciocínio. Então, se nós fazemos parte de um universo composto por diversas ilhas, o que eu estou propondo é a gente, pelo menos, possa lançar o nosso olhar para essas outras ilhas. Só isso. Não estou dizendo que a gente vai copiar, não estou dizendo que agente vai se adaptar. Não, apenas isso!. Isso é uma colocação minha, particular, porque eu sinto um grau de aleatoriedade muito grande nessa questão da *formação*.

A gente faz parte de um universo fragmentado, fragmentado,..., que sofre de uma síndrome da dissidência, que é o universo da transmissão da psicanálise.

Edna Mendes: Mas não é aleatoriedade não João, é singularidade. Nesse terreno, não há generalização possível. Ou você encontra o seu jeito ou não. Ou não tem outra chance (**Pedro Leonardo:** Ou não tem jeito) É o terreno da singularidade, da particularidade, essa é a sinuosidade ética mais cruel, a nossa, ao mesmo tempo em que somos confrontados com coisas universais, a saída é sempre remetendo ao singular.

Não dá para você fazer como ninguém, não tem essa semelhança, não é possível, ou algo não se funda. Ou é singular ou não é. Não é aleatório, é um chamado ao singular: uma con-vo-ca-ção!

João Rêgo: Está me parecendo muito com a conversão dentro da Igreja.

Alguém não identificado: Ela hoje está inspirada.

É o terreno da singularidade, da particularidade, essa é a sinuosidade ética mais cruel, a nossa, ao mesmo tempo em que somos confrontados com coisas universais, a saída é sempre remetendo ao singular.

João Rêgo: Está ótimo o que você está colocando. Agora não sei porque, me veio à mente a questão iniciática da Igreja, da Rosa Cruz...

Pedro Leonardo: Pelo contrário.

Lídia Goldfarb: Não João. Pelo contrário. A sensação que eu tive com a tua colocação é que você está buscando um *passee* para o *Traço*.

João Rêgo: Um *passee*?

Lídia Goldfarb: Para o *Traço*.

Ana Lúcia Falcão: É, Lídia, eu também acho.

Luciane Araújo: Eu penso que a gente está aqui para construir alguma coisa no singular.

João Rêgo: Talvez seja um raciocínio muito lógico o meu. Mas eu ...(indecifrável)... de levantar o nosso olhar sobre os nossos pares.

Edna Mendes: Eu acho que até que é possível a gente fazer isso (*Pedro Leonardo*; Não, claro), mas se a gente fizer aí,..., dá conta do movimento histórico.

Pedro Leonardo: Olhe, quando a gente começou aqui, e levantou algumas referências bibliográficas, para ler, para a reunião de hoje, já estávamos fazendo, de alguma maneira, isto que você está propondo. Agora, nesse sentido aí que Edna adverte, na singularidade do nosso caminho, porque ou a gente encontra isso,... , e é por isso que se diz que é na análise pessoal. Porquê? O quê é que é a análise pessoal, se não isso, não é? Esta singularidade?

João Rêgo: A verdade de cada um.

Pedro Leonardo: Não tem nada haver com utopia, com romance. Não tem nada disso não. Ou é assim ou não é! Ou vamos fazer uma coisa em série, não é? Uma *formação* parecida com uma padaria e.....

João Rêgo: Como uma *ipazinha*..

Pedro Leonardo: Não, deixa a IPA para lá. Eu não quero nem tomar a IPA como contraponto, isso não interessa...

Paulo Medeiros: Aliás, eu acho fundamental não ter a IPA como espelho...

Pedro Leonardo: Não quero saber da IPA. Não quero ser a anti-IPA, porque eu estarei tomando ela como referência, ainda.

Paulo Medeiros: Eu acho que a gente gasta muita energia na rivalidade. Não é? (*Lídia Goldfarb*. É verdade) Então, se nós partirmos para um confronto, confronto no sentido de confrontar, não ser aquilo que o outro é, isto é desgastante não é mesmo? Esse negócio de a gente sempre não querer ser aquilo que o outro é. Porque aí não tem saída não, aí tem o millerismo que

chegou aí. O movimento milleriano? É modelo da IPA, então não é modelo para nós. Se a IPA não é modelo, os millerianos também não são.

Agora, acho importante sim, o nível da informação, tanto que desde o começo eu estou dizendo aqui que há uma seleção de um vasto material que cada um de nós pode acrescentar outros: eu fiz uma seleção, então tem uma pasta cheia de papéis sobre como é que isso se faz em outros lugares. Mas veja, isso como uma informação histórica, então,..., é uma informação histórica, não é? E não é para ser sonogada, pelo contrário, é para ser divulgada. Só que a pessoa que devia trazer os papéis não veio...

Edna Mendes: E divulgada não porque é bom satisfazer a nossa curiosidade. Porque a história é plena de repetições, então....

Paulo Medeiros: Deixa eu fazer um resumo disso: deixa eu dar um exemplo do que seja demanda. Demanda é o seguinte: demanda é quando se pede, pede e pede uma coisa, se dá,..., e a pessoa recusa. Então, um dos maiores demandantes por essa reunião não chegou ainda. Então demanda é isso: demandar, demandar, demandar,..., quando é atendida: *Não, não quero mais não. Quero outra coisa.* A essência da demanda é isso.

Rachel Bastos: Cuidado, viu João!

Paulo Medeiros: Agora,..., mas há um nível, é um nível que é passível de ser fixado na fascinação especular da rivalidade. Esse, para mim, é o pior de todos, porque a gente gasta uma energia imense!!! no espelho tentando ser mais bonito que o outro.

E é difícil não é? Então, eu acho que esse tempo, essa energia que a gente perde no confronto e na rivalidade, isto poderia estar sendo utilizado em um nível mais simbólico, mais criativo.

Então como é que nós poderemos, de um modo mui singular, mui singular, diferente, que nos marque e seja um traço de diferença, mas que permita que a gente se sinta aqui em *formação*. Eu acho que é só. Aqueles que querem, não é? Não estou dizendo que todos devem querer a *formação*, mas aqueles que querem, se sintam em *formação* naquilo que o **Traço** como instituição atende a essa demanda. E não há porque não atender a essa demanda. Não vejo porque não atender; desde o começo a gente está atendendo de algum modo. Foi uma demanda que partiu de nós próprios quando fundamos essa instituição.

Porque nós próprios, enquanto analistas, precisávamos desse lugar, que é o lugar que nos permite, afinal de contas, falar de coisas que em nenhum outro lugar nos é permitido.

João Rêgo: Paulo, só retomando essa sua palavra, esse mote. Quando você,..., logo no começo da sua intervenção, você falou sobre o *passé*, que apesar de Lacan reconhecer que não,..., que teve suas falhas, você deixava ainda em aberto a possibilidade de uma reelaboração desse *passé*. Com é que você imagina isso?

Paulo Medeiros: Mas João, aí é querer o prato feito.

Pedro Leonardo: Ele quer o quê?

Paulo Medeiros: O prato feito (**João Rêgo:** 50 pounds, não é Paulo) 50 libras, *passé* para cá 50 libras.

Rachel Bastos: É, eu até queria falar um pouco sobre essa coisa que João insiste tanto, essa arbitrariedade, que eu não sinto absolutamente, nem aqui e em nenhuma outra instituição. Você várias vezes falou: *Ah! mas fica muito arbitrário.*

João Rêgo: Aleatório.

Até porque, que eu vejo sempre você e todos nós aqui nos grupos, lendo, estudando, discutindo, errando, aprendendo, de-sa-pren-den-do. Fazendo questão de desaprender para aprender da forma mais próxima possível da psicanálise. Isso é de certa forma a formação.

Rachel Bastos: Até porque, que eu vejo sempre você e todos nós aqui nos grupos, lendo, estudando, discutindo, errando, aprendendo, de-sa-pren-den-do. Fazendo questão de desaprender para aprender da forma mais próxima possível da psicanálise. Isso é de certa forma a *formação*.

E, além do mais, quer dizer, se uma exigência, se uma condição *sine qua non* seria a análise, você já vem, querendo ou não, com uma certa bagagem. Que você traz dessa experiência anterior (*João Rêgo*: Singular), singular que foi com alguém que teve uma experiência singular, e aí ,..., pode até chegar ao pai do pai, do avô. Até Zeus porque através da mitologia não é? Moisés é igual a papai que é igual a pai.

Porque eu acho importante evitar dogmatismo no ensino da psicanálise. Esse é um dos pontos, para mim, fundamentais. Ou seja, isso aqui deve ser um lugar, onde se pergunte, pergunte e pergunte. Porque no dia em que isso aqui se transformar em um ensino dogmático de algum mestre, acabou-se. É outra coisa.

Paulo Medeiros: Ontem eu estava assistindo um programa na televisão, chamado Globo Repórter, que foi anunciado como "*Tratando sobre a sexualidade humana*". É uma curiosidade, sempre aguda, no que diz respeito a tais temas. Liguei a TV e fui assistir. E como sempre, alguns psicanalistas são convocados a falar (risos) e na maior parte do tempo a gente fica pasmo com as bobagens. Eu digo: cantor é para cantar, não é para ficar dando entrevistas, escritor é para escrever, não é para estar dando entrevistas, eu me decepciono sempre, e analista é para ouvir não é para estar dando entrevista na televisão.

Então, todas as vezes que eu ouço essas pessoas eu me decepciono. Mas eu prestei atenção ao Magno, porque Magno é para a minha história no movimento lacaniano uma figura importante. Eu acompanhei muito o trabalho do Magno no Rio de Janeiro. A dele foi a mais interessante e a menorzinha. Eu acho que ele deve ter falado tanto que não comportou no programa, então cortaram e deixaram só uma frase. Esta frase foi a seguinte, mais ou menos assim: *mas os pais sempre erram. Então o que há nos filhos é esta errância*".

Eu achei isso fundamental, então acho que nós podemos nos sentir aqui nessa errância. Esses seis sujeitos que fundaram essa coisa aqui promoveram uma errância. Vão continuar errando. Vamos aprender a conviver nesta errância. Não há porquê a gente querer as coisas de um modo absoluto e dogmático. Porque eu acho importante evitar dogmatismo no ensino da psicanálise. Esse é um dos pontos, para mim, fundamentais.

Ou seja, isso aqui deve ser um lugar, onde se pergunte, pergunte e pergunte. Porque no dia em que isso aqui se transformar em um ensino dogmático de algum mestre, acabou-se. É outra coisa.

Então, aqui eu coloco sempre como ensino da psicanálise o significante mestre disso: textos. Textos de Freud, textos de Lacan, e outros que digam respeito a tais textos. Esse para mim é o significante mestre desse ensino. Textos, de Freud e de Lacan. Se um de nós se colocar na

função de mestre, de dogmatizar este ensino, eu acho que nós já estaremos fazendo outra coisa. Então, distinguindo o aspecto dogmático do *magister*, eu acho que a gente deve evitar. E como evitar isso? Perguntando, perguntando, perguntando. Ou seja, questionando saberes que se encontram. Eu acho fundamental manter esse espírito aqui, porquê senão a gente vai cair no velho esquema. No esquema que a gente mesmo agüentou durante muito tempo. Suportamos, e depois não agüentamos, não é? Se a gente vai repetir isso estamos dando com os burros n'água.

Agora conviver com essa errância? É muito desconfortável. Bom é o conforto das fórmulas feitas. (*João Rêgo*: Das certezas.) Das certezas, isso é que é confortável. Agora viver na errância de questões é muito desconfortável, mas também é muito mais criativo.

Juliana Guimarães: Eu acho que, ..., assim, pelo que eu estava vendo aqui a gente estava pensando primeiro, na minha opinião, pensar o que é a gente que acredita desse autorizar-se? Quem afinal de contas autoriza a ser analista? E se a gente acredita, como Paulo estava falando, pegando aí a palavra de Lacan, que a gente se autoriza por si mesmo, esse percurso de sua análise. Então a gente tem que pensar a função da instituição, nesse autorizar ou esse reconhecer esse percurso, reconhecer essa análise, e esse percurso dentro da psicanálise. Eu não sei autorizar-se ... (*Pedro Leonardo*: Como é?) eu não sei se está como autorizar-se ou o como reconhecimento. Se para o papel da instituição, para gente, estaria nesse autorizar alguém a ser analista, ou se estaria em reconhecer o percurso dessa pessoa em sua análise, na sua formação, eu não sei se isto estaria em uma autorização a ser analista, mas em um reconhecimento (alguém não identificado: Do percurso...) do se assumir analista.....(pausa devido a interrupção do telefone)eu estava pensando aqui, assim, eu acho que a gente falou, falou na instituição nos autorizar a ser analista... (outro telefonema)...desliga Pedro, desliga. O que eu estava chamando a atenção, era isso, ..., não, de que forma o *Traço* vai nos autorizar a ser analistas.

Como é que o *Traço* vai balizar isso para que ele possa vir a nos autorizar. E eu não sei se eu concordo que é o *Traço*, ou qualquer instituição que vai nos autorizar. Eu acho que de qualquer forma você tem o seu percurso, você tem a sua análise, tem a sua supervisão ou clínica, quem já tem ou não. Você tem o seu percurso teórico dentro da psicanálise, e que o papel - não sei se eu estou certa -, mas o papel da instituição seria mais em reconhecer esse percurso, ratificar essa autorização que você se deu nesse seu percurso, na sua análise. Então é esse reconhecimento, para mim é que a gente tinha que discutir ou que pensar de que forma a gente poderia achar que o *Traço* deveria fazer este reconhecimento. Eu acho que o autorizar é uma coisa bem mais complicada, institucionalmente falando, se alguém vai lhe autorizar. Ninguém está lá escutando a tua análise, ninguém está lá vendo, fazendo provinha com você, *Ah! você sabe?, você já leu a obra toda de Freud? você já leu a obra toda de Lacan?, você sabe o suficiente para ser analista?* Quer dizer, ninguém está vendo isso. É mais um reconhecimento e não uma autorização, pelo menos é assim que eu penso. (*Rachel Bastos*: Isso aí só quem sabe mesmo é o cliente) Só quem sabe é você próprio.

João Rêgo: Você estava falando está vindo agora uma reflexão, que eu queria, ..., eu acho que é meio complicado tentar dividir esta questão, separar a formação da instituição, a formação teórica da análise. Vamos fazer uma reflexão: se a análise é uma construção de um saber sobre si mesmo, essa busca dessa verdade lá do sujeito, à medida em que eu me aprofundo no conhecimento teórico, eu amplio mais a minha capacidade de construir esse saber, ou seja, a coisa está muito imbricada - está entendendo, Juliana, o que estou querendo dizer?

Juliana Guimarães: É, João, aí a gente poderia entrar, ..., sem querer falar mas já falando, então vamos entrar em uma questão um pouco, ..., vamos seguindo um pouco o modelo da IPA. Nós somos analistas daquela instituição, você só pode fazer análise com aquelas pessoas, para que aquelas pessoas dêem um testemunho institucional de que você poderá ou não ser analista.

João Régio: Não, não,..., não é isso. Essa reflexão minha é apenas para a gente não ficar nessa visão dicotômica de separar a formação teórica da análise. Eu acho que elas não são separáveis. (**Juliana Guimarães:** Não, mas quando você...) Isso está vindo agora, isso que eu estou falando agora, está vindo agora, inclusive está indo de encontro aquilo que eu li e que a gente discutiu. Porquê se, ..., imagine: uma pessoa entra em análise, faz a sua análise sem abrir um livro de Freud, sem nem saber que existe Lacan. Faz o percurso analítico dele, ele vai em uma direção. Um outro, faz esse percurso, começa a ler Freud, começa a ler Lacan, entra em uma instituição,..., a medida que ele vai absorvendo e construindo um saber teórico, ou seja, que ele vai mergulhando inclusive nessa história da psicanálise, é evidente, é claro, é lógico que isso tem um rebatimento na análise dele, ou não? Concordam?

Ana Lúcia Falcão e Rachel Bastos: (ao mesmo tempo) Mas isso é psicanálise teórica....

João Régio: Não, espera aí, o que eu estou querendo dizer é que essa questão da formação, ela tem um fator extremamente rico e diverso na própria análise do sujeito, na própria experiência singular dele.

Edna Mendes: Mas João, isso que você está dizendo leva à seguinte conclusão: se você ler a obra de Freud todinha, os livros de psicanálise do mundo todinho, você terá uma ótima análise. (**João Régio:** Eu estou dizendo que tem alguma influência, Edna) Digamos que se uma análise lhe conduza a esse desejo isso é uma produção da sua análise e um reconhecimento de uma decorrência qualquer do momento histórico que você,..., essa coisa de que a análise produz um conhecimento, isso é uma das coisas que acontecem na análise. Acontecem, muito mais outras coisas.

Não sei se o conhecimento teórico,..., é claro que quando você está fazendo análise, você vê o texto, o acesso seu ao texto é marcado pela sua experiência de análise, mas isso serve para qualquer coisa. Qualquer coisa, você lê um texto de arquitetura, ouve uma música, o conhecimento não é tão dessa ordem do inteligível. (**João Régio:** É mais no campo afetivo) Sim, mas não precisa ler sobre afetos para isso. (**Everaldo Soares Jr.:** No campo da sexualidade, não é, João?).

João Régio: (falando para Juliana) Eu não quis interromper, eu só quis complicar um pouco mais a sua fala, mas voltando, você estava querendo falar sobre a distinção entre autorizar-se e reconhecer?

Juliana Guimarães: Como eu estava pensando a respeito do papel da instituição nesse percurso de qualquer pessoa que pensa, deseja vir a ser analista. Na minha opinião [**Pedro Leonardo:** (tentando esclarecer as idéias apresentadas por Juliana) Qual seria o papel dessa instituição?]

João Régio: Não autorizar, mas apenas reconhecer.

Juliana Guimarães: Eu penso que a instituição, ela vai reconhecer seu percurso, ela vai reconhecer esse vir autorizar-se que você, ..., vindo acontecer, ou no seu percurso teórico mas também na sua análise. E isso só você pode dar conta na sua análise, ..., se não a gente ia ter que estabelecer, para ser de tal instituição a gente tem que fazer análise com o analista da instituição para que ele dê o aval, ..., um papelzinho dizendo *Bom, na análise você é analista, para a instituição teoricamente você é analista. Você pode atender como analista.* Não acredito que passa por aí.

Ah! mas aí, eu acho que precisávamos repensar um pouco isso porque afinal de contas, quem reconhece um analista é um analisante. Não é uma instituição, é um analisante. O analisante ao demandar uma análise coloca aquele sujeito na função de analista. Na função.

Paulo Medeiros: Ah! mas aí, eu acho que precisávamos repensar um pouco isso porque afinal de contas, quem reconhece um analista é um analisante. Não é uma instituição, é um analisante. O analisante ao demandar uma análise coloca aquele sujeito na função de analista. Na função. Então, ..., acho que o reconhecimento do analista é feito por um analisante.

Não é pela instituição. Quer dizer, acho, como disse, eu penso sempre que: o analista é quem reconhece uma instituição e dela quer fazer parte. Por quê? Lacan propôs aquilo que ele chamou projeto de trabalho, ou seja, transferência no trabalho. Nós podemos nos perguntar se existe transferência no trabalho, mas, ..., acredito que haja, ..., nós não estamos reunidos aqui pelos nossos belos olhos. Há transferência aqui.

Aqui não é um lugar para analisar transferência de ninguém a ninguém. Mas que há, há! Como há em qualquer situação da vida, na relação entre as pessoas há transferência. Então há transferência. Dentre nós aqui há transferência, não sabemos a que, mas há.

Que significantes determinam essa transferência? Isso é alguma coisa que o sujeito vai investigar na sua análise. Vai investigar lá na sua análise. E em nenhum lugar social se investiga e se faz análise de transferência. Aqui é outra coisa. Então, ao se procurar uma instituição psicanalítica, acho que o sujeito tem um projeto qualquer. Deve ter um projeto. Esse projeto deve ser materializado em um trabalho, "*Meu projeto no Traço é...*" E aí vem o seu projeto. Estabui-se uma transferência de trabalho, através do projeto de cada um. Se esse projeto de cada um repercute transferencialmente em outrem, então se forma, ali, aquilo que o Lacan chamou de cartéis. E eu achava muito curioso, porque quando começaram a falar em cartéis no Brasil, eu sempre me lembrava dos cartéis de ...[**Ana Lúcia Falcão:** (Ajudando) Medellín] Medellín, não sei mas o quê. E eu muitas vezes, até nas reuniões, no começo, gritava *Mas minha gente, esse termo cartel, ..., pode ser que na França tenha um sentido tal, mas e aqui, como é que a gente vai chamar cartel. Vão pensar que a gente é traficante.* Então, esses termos tem suas implicações. Mas os cartéis na escola de Paris foram fundamentais, depois foram institucionalizados, aí a coisa degingolou. (**Ana Lúcia Falcão:** O que é isso?) O cartel é uma composição de pelo menos quatro pessoas - cartel, quatro não é? -, que o Lacan pensou isso matematicamente, podendo haver um quinto. Havendo nesses cartéis sempre um +1, e esse +1 poderia ser alguém do próprio cartel ou de outro cartel. Era aquele que viria questionar aquilo que se estava se estudando, trabalhando. O +1 colocaria, colocaria é, - eu ia dizer em cheque, não é bem em cheque, mas.. -, colocaria à prova de algum modo, (**João Régio:** À crítica) à crítica, sei lá. Colocaria os demais, não também não, ... (**Edna Mendes:** É o peru), é o peru. O +1 seria o peru. (**Pedro Leonardo:** É o outro) É o outro. Essa foi a proposição dos cartéis, depois isso foi institucionalizado. Quando se institucionalizou, acabaram-se os cartéis, por quê? Porque aí um sujeito, por exemplo, um só, era designado o +1 de mais de vinte grupo de cartéis, pô. Imagine o poder dado pela instituição a um que não era então o +1 no sentido de Lacan, já era outra coisa não é? Quando a instituição dizia: *Fulano vai ser o +1 de todos os cartéis daqui* pô acabou! (**Lídia Goldfarb:** É o bedel). É o bedel (risos), fica badalando o sininho na hora da reunião (risos). Mas imaginemos uma possibilidade nesse sentido, porquê afinal de contas, não precisamos imitar. Acho que a gente pode criar de algum modo, para também não ficar também na baboseira improdutiva. Senão a gente pode ficar se reunindo na baboseira improdutiva.

Everaldo Soares Jr.: Me parece também, que, ..., por exemplo, esse percurso do *Traço* aglutina as pessoas para discutir e estudar psicanálise, mas também em torno de um projeto editorial. Há uma marca, desde o início, nessa busca de uma publicação, de um projeto editorial que envolvesse pessoas interessadas. O *Traço* começa também com uma revista chamada *Traço*, que só teve um número, não é? E em seguida, a seqüência da revista Veredas e das traduções de *Formações do Inconsciente*. Eu acho que essa aglutinação em torno de um projeto editorial, de todos interessados em participar do *Traço*, há aí, um caminho, de alguma forma singular.

Paulo Medeiros: Tanto isso é verdade, que uma das coisas que hoje eu vinha pensando em propor aqui ao grupo, é que daqui fosse formado - eu não sei como chamar isso, me ajudem a dar nomes -, ahhhh! um cartel, uma comissão, uma equipe... (**Everaldo Soares Jr.:** Um grupo de estudos) não, eu estou propondo em redor de publicações. Por exemplo, você está gravando

(dirigindo-se a Júnior), eu trouxe um gravadorzinho, eu espero que ele resulte em alguma coisa, porquê seria interessantíssimo que daqui. (*Everaldo Soares Jr.*: Você também está gravando?!!) sim (*Pedro Leonardo*: Mas é diferente!) (*João Rêgo*: Você é o outro dele e ele é o outro seu) Não se preocupe não, que é diferente.(risos) Então que fosse formado aqui um conjunto de pessoas, três, quatro, sei lá, que ficasse encarregado das publicações dessas reuniões. Desgravar esses registros, passar isso para o papel, e a gente ter isso aqui materialmente disponível para a leitura de todos. Eu vou dizer para vocês de onde eu me inspirei nisso, eu recebi uma coleção de *Lettres de l'École* (indecifrável)...exatamente. Mas, reparem o seguinte: todas as jornadas e congressos da *École Freudienne de Paris*, eram gravadas e registradas dessa forma. Eu procuro amearhar isso por onde eu passo, que isso é um material precioso, não existe mais, isso é fotocópia. Então, este aqui por exemplo, é de abril de 1975, e tem aqui, ahhh....,por exemplo, discussões sobre a ética da psicanálise, a função dos cartéis, a palavra de encerramento de Lacan, as psicoses, os conceitos fundamentais e a cura, enfim, esses cadernos eram gravados e transcritos para todos os membros da Escola, da *École*. Eu penso nisso, eu sonho com uma possibilidade dessa aqui, de trabalhar com esse material. Então, a minha proposta, é que aqui, seja escolhido, seja eleito ou escolhido, ou pessoas que gostem de fazer isso, levantem a mão e digam "*Eu gostaria*", pronto, entendem, de fazer um trabalho dessa natureza. Fica a proposta.

João Rêgo: Paulo, eu poderia acrescentar um pouco à sua proposta? Que seria formalizar, pelo menos uma reunião mensal para isso, e uma reunião mensal onde... (*Pedro Leonardo*: Para quê?)..., um sábado por mês, pelo menos, para discutir essa questão da formação, e talvez, passado esse momento dessa,...., o que houve, o que está havendo aqui, é uma certa colcha de retalhos de um bocado de dúvidas e de inquietações de cada um, e dar uma maior objetividade às reuniões desse sábado escolhendo um texto, por exemplo: Edna pegar tal texto e fazer uma reflexão sobre ele.. [*Edna Mendes*: (reagindo) Não existe isso não rapaz, e por que não "*João pegar um texto..*"], não eu posso pegar um texto, eu estou dando um exemplo. Para que o sábado, seja o sábado da discussão sobre texto sobre formação. Além da publicação, que eu acho interessantíssima, a gente jogar talvez essa,....,provocar talvez mais essa demanda.

Pedro Leonardo: É, eu acho bom. Agora eu queria que se falasse mais...

É interessante a discussão e tal, mas,...., eu acho que a gente não pode,...., me incomoda um pouco essa coisa da objetividade, de ter respostas certas,...

Ana Lúcia Falcão: Eu acho interessante, sabe? Agora eu acho a gente tem que ser sempre uma colcha de retalhos. É interessante a discussão e tal, mas,...., eu acho que a gente não pode,...., me incomoda um pouco essa coisa da objetividade, de ter respostas certas, eu acho que a gente pode até fazer isso, sempre, mas, tem que ter dúvidas, sempre, e tem que ter sempre uma colcha de retalhos...

João Rêgo: Sabe porque eu estou colocando isso? Sabe porque eu estou colocando? Eu estou colocando porque nós fizemos uma reunião, e foi até a Fernanda que demandou essa reunião e tal, e eu estou percebendo a repetição, *wiederholen*, a repetição, a repetição, a repetição,...., se a gente não provoca um pouco para sair pela (*tem*)gente, para dar um, não é? [*Pedro Leonardo*: (Observado o lapso na fala)Sair por onde?] sair pela tangente (*Pedro Leonardo*: Você disse tem gente) (risos generalizados) (*Paulo Medeiros*: Isso é em porta de banheiro, João, tem gente) (risos). Aí pode acontecer da reunião sábado, sem a gente saber... (*Pedro Leonardo*: De o banheiro estar ocupado) ...do banheiro estar ocupado sempre. A preocupação é essa, eu não estou querendo nenhuma certeza não, eu acho que o que você está colocando é ótimo, essa colcha de retalhos é arretada, agora vamos colocar os textos aqui [*Edna Mendes*:(rindo ainda sobre o lapso) João terminou dizendo tem gente...)

Pedro Leonardo: Olha, Júnior falou uma coisa,..., Júnior tocou em um ponto muito importante, que eu acho que a gente deve conversar mais sobre isso, porque isso é uma marca do **Traço**. Então, que vai atender ou não a demanda de formação, de reconhecimento ou não, é preciso saber o que estava na cabeça antes da inscrição do **Traço**, da subscrição, enfim,..., esta história da instituição, ela sempre tem alguma coisa haver com o prestígio, com o poder, isso é óbvio, não se precisa falar mais nisso, isso já é muito falado. E uma das formas de exercício do poder nas instituições psicanalíticas é exatamente a formação, é isso que dá poder. Quer dizer, chancelar alguém como analista, e o jogo que isso permite, o acúmulo de **pudor** de quem (risos generalizados em cima do lapso onde **pudor** substituiu **poder**) acúmulo de pudor, então é isso que, de alguma forma estava na origem do **Traço**. Teve-se muito pudor com o poder. E aí o que é que houve? A gente combinou de se reunir em torno de um projeto editorial. Então, era tentativa de que,..., - vã tentativa, claro -, de que a gente podia se reunir de maneira distinta. Podia, de alguma forma estar imune aos pecadilhos da condição humana, e que é que ia fazer? Ia se reunir em torno de um projeto editorial. Eu acho que isso que você falou (se dirigindo a **João Régio**), de que se reúne para discutir formação e não dar em nada, tem muito que ver com isso, com esse pudor, e com essa fundação. Então, essa instituição será distinta, será diferente por quê? Porque a gente não vai cuidar das podridões, das coisas feias, das ambições. A gente vai se reunir, pura e simplesmente para uma publicação, um projeto editorial.

eu quero que vocês falem mais para quebrar essa história desses seis. Que vinham, de alguma forma, escaldados de outras instituições, desse tipo de jogo, desse tipo de poder, e tentou ficar imune a isso, o que é uma grande bobagem.

Talvez seja isso que você encontre muita resistência toda vez que a gente se reúne para discutir sobre formação, fica todo mundo, não,..., tampando o nariz, Lacan disse,..., não sei o quê,..., fica por aí. Agora eu acho que a gente tem que acabar com isso. Eu estou falando isso para que,..., eu quero que vocês falem mais para quebrar essa história desses seis. Que vinham, de alguma forma, escaldados de outras instituições, desse tipo de jogo, desse tipo de poder, e tentou ficar imune a isso, o que é uma grande bobagem. É uma bobagem, isso talvez seja muito pior, ficando lá em cima, no Olimpo "*lhh! que merda*".

Everaldo Soares Jr.: E tinha, talvez, outro *traço* também, nesse encontro inicial, além desse projeto editorial, era o confronto com outras áreas do conhecimento. Eu me lembro que a gente falava, "*Não é um intercâmbio, mas um confronto*"; a psicanálise seria uma trajetória própria, singular, como transmissão, mas teria um confronto com a Antropologia, com a Literatura, com as Artes, que eram aqueles colóquios que nós fazíamos. Não só com outras áreas do conhecimento, mas também com outros psicanalistas que viessem aqui, discutir conosco determinados temas. E isso a gente fez durante algum tempo, havia também essa marca aí...

João Régio: Eu só queria esclarecer um pouco, quando eu falei da repetição eu não estou querendo dizer que não leva a nada (**Pedro Leonardo**: Perfeito!) eu não estou querendo dizer isso, eu estou dizendo que, talvez com a repetição é,..., claro que vai levar a muita coisa, eu estou sentindo que hoje, esse encontro aqui, eu estou sentindo de uma densidade extraordinária, essa colcha de retalhos, - é a minha avaliação -, eu estou sentindo que houve um salto de qualidade da primeira reunião, há quatro meses atrás, para a de agora, muito bom. [**Everaldo Soares Jr.:**(querendo tomar a palavra) Viu João...] até pela tensão que se estabeleceu desde o começo. (**Pedro Leonardo**: Tensão?)

Uma certa tensão, na intervenção, eu estou sentindo, está bom, ..., agora, a repetição que eu falo, é a questão de dar uma maior, como é que se diz,..., de produzir mais. Então, Edna pega *A Questão da Análise Leiga* para o sábado daqui há um mês, João pega, sei lá, não sei quem, Isabela pega...., pronto, então vamos três pessoas com três textos, e vamos ouvir a pessoa, o

que aquela pessoa vai trabalhar sobre o texto, e abrir a outra metade, depois, para a colcha de retalhos de Ana.

Ana Lúcia Falcão: Não, eu fico meia incomodada, assim, quando eu falo em colcha de retalhos, essa coisa,..., eu também acho que a gente tem que tirar ..(indecifrável)...eu não acho que não deu em nada. Tal reunião não deu em nada, eu não sei o que é isso, para mim deu, acho que todas dão em alguma coisa. Agora, eu fico meio incomodada - é o meu jeito, é a minha maneira de ser -, com essa coisa muito amarrada, sabe como é? "*Você fica com esse texto de sicrano, então...*" sabe? Eu acho que vira uma outra coisa. Não sei. Eu acho que todo mundo,..., tem vários textos, que as pessoas devem se sentir responsáveis na leitura para discutir. Agora, definição de fulano fica com isso, sicrano fica com isso, sabe? Não sei....é o meu jeito, tem tudo a ver comigo...

Você falou em pudor, falou como se saindo de uma forma diferente, de um não conhecer anterior, é,..., me passou uma tensão, como se tivesse um medo, um medo de confrontar algo, que eu não sei o que é.

João Rêgo: Mas Ana, veja bem, tem uma relação de cinco textos aí,..., ou Ana veja bem, a minha crítica à utilidade da reunião: tem uma relação de cinco textos aí, a gente está com duas horas e meia e não se citou nada sobre o texto. *A Questão da Análise Leiga*, Valabrega, ..., por quê?, Porque se a gente deixa o *laisser-faire*, não vai ter essa utilidade...

Ana Lúcia Falcão: É porque é essa *utilidade* que eu questiono, sabe? Essa coisa da ,..., essa utilidade, sabe? Que utilidade é essa? Que , ..., como é que você sabe que alguma coisa foi boa ou não? É isso que eu fico pensando, mas isso tem muito a ver com a minha maneira de ser, e como tem a ver comigo, talvez seja só a minha maneira de dizer as coisas.

João Rêgo: Mas vamos tentar então, achar um meio termo que possa também acolher...

Gedalva Rapela: Interessante, quando Pedro falou agora, você falou em *pudor* (Taciana: João falou em *tem gente*) (**João Rêgo:** *Tem gente*. Qual foi a interpretação que vocês deram hein?) Não, o meu raciocínio é direcionado à tua fala (dirigindo-se à Pedro). Você falou em pudor, falou como se saindo de uma forma diferente, de um não conhecer anterior, é,..., me passou uma tensão, como se tivesse um medo, um medo de confrontar algo, que eu não sei o que é. É, e chegar a essa forma singular, não é,..., essas seis pessoas, me,..., não sei se,..., quando você falou, eu acho que,..., se passou para um assunto diferente e que está se perdendo de se analisar isso que você falou. Como se tivesse um pudor para enfrentar agora, eu não sei o que é, eu não entendi o que é. Mas quando ela entra para falar (analisando o discurso de Ana o João) e você entra para falar, retira a possibilidade de aprofundar isso (**Pedro Leonardo:** Aí volta o pudor) aí volta o pudor. (**Everaldo Soares Jr:** O pudor do poder) volta o cuidado, é um cuidado, é algo que eu não sei dizer o que é.

Pedro Leonardo: Se tem alguma morte aqui a ser feita, é desse seis.

Gedalva Rapela: Exato

João Rêgo: E esse seis, é o *tem gente* que eu falei.

Edna Mendes: Éééé, por isso que a gente riu aqui.

Gedalva Rapela: Olha, um momeeeento, eu não terminei gente. Eu senti o seguinte, que nós estávamos falando, que havia como é,..., inimigos externos, algo externo. Certo? Mas quando

Pedro entrou com a fala dele, eu acho que há algo interno, que precisa explorar, a partir da fala de Pedro. A gente entrar em textos, e não sei o que mais, dá uma desviada muito grande.

Everaldo Soares Jr.: Essa questão de confronto com as áreas do conhecimento, também tinha haver com essa questão do pudor do poder, não é? Como se pudéssemos colocar a psicanálise de uma forma democrática. Havia também essa questão participativa, democrática de coisas assim, chavonadas, que fomos vendo que isso foi fracassando, foi errando o tempo todo. Foi caindo no velho democratismo, não é? Eu acho que tinha muito haver, essa questão aí, me,..., esse significante a que se chegou: o pudor do poder, não é? Desse início aí, como foi feito.

Paulo Medeiros. Eu quero poder falar.

Gedvalva Rapela: Só para fechar. Será que o receio não é chegar nessa singularidade? Que nós estamos buscando, que de alguma forma pode ser diferente de outras instituições, mas que vai ter algo que eu não sei explicar. Fechei o meu assunto. Pode falar.

Everaldo Soares Jr.; Fechou muito bem.

Paulo Medeiros. Não, eu só quero poder falar, e escrever, e ler.

Lídia Goldfarb: Não, eu vou falar. Assim, pode ser debilóide, ou,...pode ser o que for (**Everaldo Soares Jr.:** Tem todas as chances), agora não, mas, por exemplo. Para mim é natural (risos) deixa eu falar.

Vocês sabem coisas que eu não sei e que eu quero aprender. Então por que não ter essa naturalidade de que tem uma diferença de fato? Não quer dizer que vocês estejam fechados em um saber que eu não possa questionar. Agora dizer, não, é tudo igual; não é não, é mentira.

Por exemplo, receita, eu já pedi receita a Edna, já pedi receita a ela, receita culinária, peço, ao Paulo eu não peço. Agora, questões de psicanálise, eu me dou ao direito sim, de colocar Paulo, você, Edna, Pedro (se dirigindo aos seis fundadores do **Traço**), com um saber que eu não tenho, e que quando eu quero esclarecer dúvidas, eu pergunto a vocês sim. E não estou mitificando, nem endeusando não, é um dado de realidade. Vocês sabem coisas que eu não sei e que eu quero aprender. Então por que não ter essa naturalidade de que tem uma diferença de fato? Não quer dizer que vocês estejam fechados em um saber que eu não possa questionar. Agora dizer, não, é tudo igual; não é não, é mentira.

Pedro Leonardo: Não, é o problema da função, Lídia. Da função de analista. Como é que faz o **Traço** para esses seis psicanalistas [**Lídia Goldfarb:** Sim! (tentando acompanhar o raciocínio de Pedro)], isso é da função. Entendeu? (**Lídia Goldfarb:** Não) Não é questão do saber teórico (**Edna Mendes:** Eu acho ótimo que isso fique bem entendido), não é uma coisa do saber teórico. O que eu souber eu lhe digo. O que eu não souber eu digo *Eu não sei*. Está certo? (**Lídia Goldfarb:** Tá) Mas, a função de analista, como é que se transpõe essa diferença?... (breve silêncio)... mas aí a gente está reunido para isso. Aí fica sempre esses seis aí, que já chegaram aqui como analistas, está certo? (**Isabela Cribari:** Como vocês chegaram lá?). Pois é. Aí vai ser o meu percurso. Aí você vai usar o meu exemplo para fazer igual? O que é um absurdo, espere! (**Everaldo Soares Jr.:** Num se avexe não, num se avexe não) Mas você está entendendo? Aí chegam esses seis, já como analistas, aí subescrivem o **Traço**, em um lugar de estudos e fundamentalmente de publicação, projeto editorial. Está certo? Aí vocês estão aqui *Como é que faz para a pessoa ser analista aqui dentro?* Lídia é analista. (Lídia faz uma reação de espanto e incredulidade arrancando risos de todos.) Está vendo? (em um tom sério) Está vendo? É risível

(*Lídia Goldfarb*. Claro.) Quando é que vai deixar de ser? É quando você tiver saber acumulado? Não. E quando é?

Juliana Guimarães: Mas de que quando é, quem é que vai ter coragem para... (*Lídia Goldfarb*. Pedro, eu tenho um medo (rindo)) (*João Rêgo*: Dá um medo, não é, Lídia?) Mas é isso, que a gente está aqui, para isso. Não tem como escamotear isso de forma,..., João parece ser muito afeito a isso. Se a gente encomendasse a ele um projeto de formação, tantos seminários, tantas horas de supervisão, de análise, então, ele daria o projeto pronto e acabado. É isso?

João Rêgo: Não me bote tanto nesse extremo não. Me deixe no meio.

Pedro Leonardo: Boto, porque você gosta disso....(comentários gerais)....

André(o visitante): (dirigindo-se a Pedro) Agora, eu achei um negócio. Quando você falou, me parece que nos remete, ao aspecto da transitoriedade do poder. Eu achei que o que você trouxe foi um pouco isso: a gente tem que ter receio do poder e de seu estrago, que é transitório e (indecifrável).....Me pareceu isso assim, talvez que você reconhecia....(indecifrável).....

Pedro Leonardo: Também tem isso, como é que vocês vão fazer - em última análise -, como é que vocês vão fazer para nos arrancar desse lugar? Nos matar. A morte. De alguma forma a gente está mantendo esse pai vivo, está entendendo? Esses seis, com todo esse discurso bonito, está mantendo esse pai vivo aqui, imaginariamente. Entendeu? Não abre espaço.

Isabela Cribari: Isso, Pedro, que você falou fica mais claro, um pouco para mim, a função do Traço, do projeto editorial de vocês, que eu desconhecía, que era o projeto editorial, basicamente. Só que eu vejo que o *Traço* foi crescendo, outras pessoas foram chegando, outras pessoas que ainda não são analistas, outras pessoas que têm desejos de ser analistas, pessoas que não têm ainda esse tipo de desejo, mas constatar isso,..., mas constatar principalmente que esse crescimento implica também em uma mudança. Não é? De postura, de posição, de,..., eu acho que algumas pessoas que vieram para o *Traço* perceberam essa singularidade que o *Traço* comporta. Não é? Essas pessoas que têm desejo de formação psicanalítica, de fazer a formação no *Traço*. Se está aqui, concordo que não é por nenhum acaso, é que outras instituições não preenchem esse desejo. E isso é claro, também difere,, eu acho que se que a gente está caminhando, é para começar a formalizar isso.

Essas pessoas que têm desejo de formação psicanalítica, de fazer a formação no Traço. Se está aqui, concordo que não é por nenhum acaso, é que outras instituições não preenchem esse desejo.

Como? A gente não sabe ainda. Mas eu acho que é importante isso. Abrir, tirar um pouco a vista desse projeto editorial e começar a ver que esse desejo que existe, que as pessoas estão buscando de alguma forma, isso também (*João Rêgo*: Seria um projeto de formação). Começar aqui a caminhar junto. Saindo dessa postura apenas editorial e ir construindo uma fórmula própria.

João Rêgo: O problema é que vocês criaram um negócio que está muito além, daquilo que vocês,..., eu estou sentindo talvez na sua intervenção (dirigindo-se a Pedro) uma certa angústia do nascimento de alguma coisa nova que vai surgindo no *Traço*. Está muito além de um projeto editorial. Agora, hoje. É formação mesmo.

Pedro Leonardo: Não, não era apenas editorial, mas se reunia em torno do projeto editorial para evitar traços dos vestígios do poder.

João Régio: Eu sei, agora, isso é um dilema que a gente jamais vai resolver. A gente vai ter que conviver com isso....

Pedro Leonardo: Sim, por isso é que eu quero que falem mais. Porque tenham cuidado com esses seis, porque não vão desocupar a moita, nunca, se não botarem para fora.

Lídia Goldfarb: Mas deixa, besteira. Estão obrando, tudo bem. (risos)

Paulo Medeiros: (rindo) Não caga e nem solta a moita ! (risos generalizados)
(pausa)

Edna Mendes: Deixa eu ver se eu consigo. Eu estou com uma idéia, mas não consigo dar conta, dar expressão. (**Pedro Leonardo:** Obre!) Eu vou me espremer aqui. (risos) Porquê eu acho que a gente tem chamado, tem percorrido uns caminhos para nomear certas coisas que começam a ficar,..., é fechado demais, é,..., construindo uma certa frase que não tem possibilidade de abertura. Esses seis analistas do **Traço**, seis analistas fundadores do **Traço**. Parece que quando a gente juntou analista e fundador, isso virou um nome só e transformou os outros em não fundadores e não analistas. E eu acho que isso é uma coisa que a gente precisava distinguir um pouco. Porque está claro, não haveremos como, nós,..., nenhuma via - pelo menos essas vias que a gente se dispõe a percorrer -, que não faremos de nenhum de vocês analistas, até porque a gente não sabe como fazer e não consegue. Apostamos em uma outra coisa, e somos produzidos por outro desejo. Então, em analistas não poderemos transformar ninguém, em fundadores também não, porque não é a gente que vai fazer ninguém fundador de nada. Então, eu acho, sabe Pedro, que não se trata de fazer, quem quer que seja, ser alçado à condição de analista, mas eu hoje acho,...

Pedro Leonardo: Você coloca alçado? Coloque isso em uma outra perspectiva, eu estou falando das pessoas que eu acho que têm um perfil. O importante é que a gente não impeça, não empate ,..., eu acho que aí é uma questão grave. Não é alçado.

Edna Mendes: Eu penso que tem um espaço.. (indecifrável)..., que vai ficando melhor entre nós, que é o espaço possível. Eu acho, Juliana, que reconhecimento e autorização podem estar muito perto, sendo sinônimos uma coisa da outra, sabe? É muito um outro jeito de chamar mais ou menos a mesma coisa.

Paulo Medeiros: O que, Edna?

Edna Mendes e Taciana (em uníssono): Autorização e reconhecimento.

Paulo Medeiros: Ah! sim.

Rachel Bastos: Eu acho que autorização é possível, reconhecimento só pode vir do outro.

Edna Mendes: Mas quando você diz...(indecifrável)... isso tem um formato,....

Claro que cada um tem um percurso, o meu por exemplo foi totalmente diferenciado, porque eu comecei me autorizando e sozinha, e por um caminho muito distinto, depois eu fui buscar um reconhecimento da instituição, ou na instituição, com a troca com o outro, com a orientação nas leituras e etc..

Rachel Bastos: E quando você diz: *Nós seis não vamos fazer nenhum de vocês analista*, então volta à questão inicial. E como seria a formalização da formação do **Traço**, das pessoas que buscam isso. Claro que cada um tem um percurso, o meu por exemplo foi totalmente diferenciado, porque eu comecei me autorizando e sozinha, e por um caminho muito distinto, depois eu fui buscar um reconhecimento da instituição, ou na instituição, com a troca com o outro, com a orientação nas leituras e etc.. E eu não,....., por muito tempo não me disse analista, mas por muitos anos os meus clientes me disseram *minha analista. Eu vou fazer a minha análise. Eu vou para minha análise.* Então como é essa questão? Porque hoje, eu também já me autorizei, porque se eu tenho x clientes que vão sistematicamente, alguns há cinco anos, no meu consultório e dizem *Eu estou fazendo a minha análise* e eu nunca estive em instituição nenhuma, a não ser fazendo um grupo ali outro acolá. Agora hoje eu me sinto no **Traço**, porque venho aqui com mais frequência, aceito e acato as orientações do seis fundadores, com muita facilidade e respeito, até por causa dessa abertura que eu sinto aqui. Então, eu questiono muito quando você diz *nós não vamos autorizar*. No meu caso, por exemplo, eu vou ficar no **Traço** em que condição? Se o **Traço**.....

Eu estou dizendo que o caminho que a gente já percorreu elaborando como se dá a formação, nos coloca diante de uma verdade, que é: ninguém faz de ninguém analista.

Edna Mendes: Não é isso não. Nem autorizar nem desautorizar, entendeu? Nem autorizar, nem desautorizar, eu não estou aqui,...(**Taciana Mafrá:** Dizendo que ninguém mais vai ser analista) isso não é um édito. Eu estou dizendo que o caminho que a gente já percorreu elaborando como se dá a formação, nos coloca diante de uma verdade, que é: ninguém faz de ninguém analista. Não é que nós seis não faremos o,...- eu não encontrei a frase que eu penso que você entendesse o que eu estava querendo dizer - (indecifrável) como também não desfaz. O que é que a gente faz? A gente faz uma troca aqui, cada um do seu lugar. O que lhe é próprio, o que é que lhe vem, entendeu? E essa é a prática de reconhecimento. Essa tem sido a nossa prática de reconhecimento.

Rachel Bastos: Mas eu estou raciocinando é,...., mas eu estou raciocinando em cima de uma proposta que o **Traço** tinha desde a sua fundação etc...mas que, sobretudo, nesse encontro fica bem claro - eu tenho até anotado aí, no caderno, está registrado aí para todos os espectadores -, que caminhos tomar para formalizar essa formação? Quer dizer esses termos que eu....

Edna Mendes: Isso eu acho que é a pauta da reunião de hoje, e é uma coisa muito difícil para a gente entender, construir esse problema para que dessa construção a resposta emerge, porquê se a gente constrói bem um problema, a resposta a ele, emerge nessa construção. Essa é a coisa que está nos escapando, essa construção, que a gente bate com a dicotomia aqui, que tem seis analistas e isso transforma os outros em não analistas. Será que é isso? Pergunto assim, será que isso? Tem seis analistas e isso transforma os outros em não analistas. Vai chegar um momento em que (**Rachel Bastos:** Tem que mudar, é como Pedro disse, se é, tem que mudar) a gente forma alguém que a gente vai ter que reconhecer, em que a gente vai ter que fazer um reconhecimento formal; de algum jeito, isso não é a mesma coisa que autorizar? Eu não estou dando resposta, eu estou tentando construir uma pergunta. Que me ajude a me mover, porque as perguntas que a gente tem construído até agora nesses eventos, são perguntas imobilizadoras, continuamos os seis.....

João Rêgo: Essa imobilização, eu interpretei na fala de Pedro, marcas das experiências de vocês, em cada uma das instituições antes de vocês se reunirem. Eu acho que essa (**Edna Mendes:** Como é que é João? diga de novo) Eu interpretei na fala de Pedro - quando antes de se reunir aqui para tentar fazer alguma coisa diferente -, eu acho que essa imobilização, a causa dela está nessas marcas que cada um de vocês traz de experiências precedentes, que foram experiências negativas (**Paulo Medeiros:** Não foram todas negativas.) Pelo menos eu

percebi na fala de Pedro isso: *A idéia nossa era fazer um negócio que pudesse ser imune(Everaldo Soares Jr.: Se a gente for valorar experiência negativa e positiva, a gente...não dá.) (Pedro Leonardo: Uma experiência negativa é muito positiva.)* Sim, eu não estou querendo dar um sentido de valor não, eu estou apenas querendo dizer que essa imobilização, talvez se explique nessas experiências que vocês trazem e que elas precisam, talvez, estarem aqui no meio dessa fala. Para a gente sair dessa imobilização.

Pedro Leonardo: Ana, você ia falando?

Ana Lúcia Falcão: Eu estava querendo dizer que talvez a confusão que houve foi com a pergunta sobre a diferença entre a formação e a autorização. Não se a instituição que dar a formação tem que dar a autorização. De onde é que vem isso, essa autorização?

Everaldo Soares Jr.: Ou mesmo no reconhecimento, não é Ana?

Ana Lúcia Falcão: É, quer dizer,..., é papel da instituição? Porque se for, na minha cabeça, a instituição tem que fazer muita coisa. É muita onipotência sabe? E eu acho que onde há onipotência, há sempre o perigo, sabe? Dar a formação, dar a autorização, dar o reconhecimento, quer dizer (**João Rêgo:** É ficar só na formação...) É tudo, a instituição sabe? A instituição passa a ser tudo (**Alguém:** Ser pai) (**Paulo Medeiros:** Mãe)...Quando passa a ser tudo, é preciso ter muita cautela não é? Quanto ao fato da garantia, - eu estou falando disso -, do perigo da instituição se transformar na garantia. Ou você participa, frequenta o **Traço**, faz lá a sua formação, e aí pronto. Agora você é analista do **Traço**, o **Traço** agora, ..., todas as suas coisas são legitimadas e responsabilizadas por essa instituição, sabe? Têm coisas que só a gente mesmo pode se responsabilizar,....

Sim, eu não estou querendo dar um sentido de valor não, eu estou apenas querendo dizer que essa imobilização, talvez se explique nessas experiências que vocês trazem e que elas precisam, talvez, estarem aqui no meio dessa fala. Para a gente sair dessa imobilização.

Rachel Bastos: É isso que digo, eu nem conhecia o **Traço** e já achava

Paulo Medeiros: Eu concordo plenamente com isso, eu acho que isso mesmo, porque, inclusive, ah..., o que pode ser obtido aqui, como em qualquer outra instituição psicanalítica, é a formação. Isso pode ser obtido. Agora, autorização, reconhecimento, isso, acho que devemos pensar em outro momento. Porque voltaremos à questão *passé*. E se a gente, agora, introduzir a questão do *passé*, eu acho que vai confundir-nos. Pelo menos nesse momento.

Rachel Bastos: Vai virar um *(im)passé*.

Pedro Leonardo: Então você propõe que a gente cuide da formação agora.

Paulo Medeiros: Acho isso possível, isso está no campo do possível, oferecer...

Pedro Leonardo: Porquê no *passé* está tudo isso, está reconhecimento, autorização, está tudo isso aí, de maneira.....

João Rêgo: Só uma pergunta de caráter prático. Quando você fala na questão da formação, vamos supor uma pessoa que participa do **Traço**, faz o percurso, se autoriza, vem um analisante e demanda uma análise a esse sujeito, e ele começa a exercer a função de analista, e a questão da supervisão? Como é que fica? (**Pedro Leonardo:** Fica como?) Da supervisão,

ele vem, procura o *Traço* (*Pedro Leonardo*: Isso não uma questão do *Traço*...) (*Gedalva Rapela*: Ele está perguntando, se vai haver essa supervisão, o analista supervisor?)

Pedro Leonardo: Isto é, burocraticamente, você tem que fazer a sua supervisão.

João Régio: Não, não é que tem que fazer. Eu sei que vou ter que ter um supervisor (*Edna Mendes*: Se isto tem que ser no *Traço*, é?) Minha pergunta é se a gente, isso teria..., esse espaço dentro do *Traço*, você está percebendo Edna? (*Edna Mendes*: Estou pensando...) Paulo está querendo restringir apenas à formação, e é claro que essa formação, junto com a análise de cada um, junto com o percurso de cada um, ela vai chegar em um momento que o cara de repente está lá, o outro procura ele, ele vai, toma a decisão e passa a exercer a função de analista. É evidente, é claro que ele precisa da supervisão. Ele continua com o analista dele? ou o *Traço* seria esse espaço de... *Olha Pedro, eu estava aqui, e estava tão bonzinho fazendo a minha análise só, de repente, estou sendo demandado. Vou tomar a decisão, acho que já é o momento, claro, que ser o meu supervisor? É isso que eu estou querendo saber? Existe esse espaço para o Traço?*

...mas sabe porque não passa pela instituição? Porque corre o perigo de dizer Bom você vai fazer sua supervisão com o analista do Traço Aí, quando começa, o traço de tudo não é? De prestígio, de poder e de dinheiro

Pedro Leonardo: Sim, mas isso não é institucional. Você solicita uma supervisão, eu estou (*João Régio*: Isso não passa pela instituição) Eu vou resolver..., mas sabe porque não passa pela instituição? Porque corre o perigo de dizer *Bom você vai fazer sua supervisão com o analista do Traço* Aí, quando começa, o traço de tudo não é? De prestígio, de poder e de dinheiro (*Everaldo Soares Jr.*: Isso, isso...) entendeu? Aí você tem que fazer a supervisão com um analista do *Traço*, ou a análise até, não é? O que é grave, da análise didática.

João Régio: Então, a supervisão deve ser encarada também como a análise, uma experiência singular,.....(Várias pessoas: Claro, claro...) Pronto, era essa a dúvida.

Luciane Araújo: Tem mais uma pergunta. Digamos assim, há espaço de formação. Há espaço de formação teórica, digamos assim, eu, tem um espaço que não seja de supervisão, mas um espaço de troca da prática, que eu sinto falta. Pode ser que exista, mas eu não participo.

Pedro Leonardo: Olhe, que coisa tão boa que você acabou de falar. Você acabou de sugerir um grupo de intercontrole (*Ana Lúcia Falcão*: Um grupo de que, Pedro?) De intercontrole. Eu acho que faz parte da formação. Eu estou disponível, eu também preciso muito disso, não é? Nesse sentido a gente pode caminhar muito e ampliar, porque ainda não chega nos abismos do reconhecimento e da autorização.

Paulo Medeiros: Eu acho que se distingue aí, também - eu não sei estou se ipalizando demais - , mas eu acho distinguível análise, supervisão, intercontrole, e mais uma coisa chamada questões clínicas, ou seja, ao meu ver questões clínicas não são casos clínicos. Questões clínicas distinguem-se de casos clínicos. Casos clínicos acho que são abordáveis(?), primeiramente na análise do próprio analista. Se necessário em uma supervisão, em um intercontrole, agora questões clínicas essas podem ser universalizadas, acho que as questões clínicas podem ser abordadas sempre em uma dimensão, que eu chamaria em uma dimensão mais universal, mais teórica. Distinguem-se questões clínicas de casos clínicos.

Everaldo Soares Jr.: Mesmo assim, o trabalho das questões clínicas é singular de cada um que participa.

Paulo Medeiros: Claro.

Isabela Cribari: O que é exatamente o intercontrole? (dirigindo-se a Paulo)

Paulo Medeiros: Como imagina que seja?

Isabela Cribari: Eu pensei em alguma coisa, mas você separou tudo (risos).

Pedro Leonardo: Não, ele separou casos clínicos de questões clínicas.

Isabela Cribari: Questões clínicas, supervisão, o que é que resta?

Pedro Leonardo: O que é que resta?

Isabela Cribari: É, o que é que é o intercontrole?

Gedalva Rapela: O que é que é o intercontrole?

Edna Mendes: O que é que ficou para esse intercontrole?

Pedro Leonardo: Fale lá. Você não propôs, fale lá (dirigindo-se para Luciane).

Luciane Araújo: Hein? eu perguntei. Não, eu tinha imaginado um espaço onde a gente pudesse é, sei lá, trazer alguma coisa da nossa prática clínica para trocar coletivamente.

Paulo Medeiros: É isso...

Lídia Goldfarb: Só falta marcar o dia e a hora (risos).

João Rêgo: Quem não é analista pode pegar um bigú nesse grupo?

Pedro Leonardo: Não, aí não. Porque isso pressupõe reciprocidade, por isso é intercontrole, nesse sentido. É uma questão aí de ser ou não ser. Se você é, você vai, você leva um caso. Uma questão.....

Edna Mendes: Senão fica uma troca muito esquisita.

Everaldo Soares Jr.: Senão universaliza, fora da experiência clínica, tem que ser inerente à experiência clínica, essa reciprocidade diz respeito à experiência clínica.

Pedro Leonardo: Senão você vai ser um *voyer*, que é isso que você quer.(brincando)

João Rêgo: Aliás, eu acho que disso nenhum de nós escapa, essa função do analista....

(pausa e comentários gerais sobre a hora, sobre a fome, etc..)

João Rêgo: Paulo pediu um voluntário para fazer a transcrição, eu me candidatei e estou como voluntário, agora é muita coisa e eu preciso saber se tem mais alguém para dividir a tarefa.

Pedro Leonardo: Podia também quem tivesse disposto, disponível, de se reunir três, quatro pessoas e propor tudo que a gente conversou aqui, que Paulo lá listou, e propor isso. Como seria isso colocar em um papel, não é?

Isabela Cribari: Eu estava propondo a João que na próxima reunião já que a gente se propõe a ter uma transcrição, de ter um registro disso aqui, a trazer uma filmadora, porque a transcrição de vídeo é muito mais fácil do que a transcrição de áudio. Eu já trabalhei algum tempo com isso, é que às vezes fica longe, por exemplo: Edna, escapou o que ela falou pela distância desse gravador aqui, - talvez fique melhor com o de Júnior -, mas com a filmagem, quer dizer nada fica perdido, pode até ter leitura labial (**Pedro Leonardo:** Eita, aí está danado! (risos)). Depois a gente fica com as fitas aqui e com a transcrição. Já que é para registrar, vamos registrar tudo.

Everaldo Soares Jr.: Não sei, acho que aí tem a questão da palavra e da imagem aí, não é? Registrar a palavra e registrar a imagem. A imagem não escapa nada, já a palavra

(**João Rêgo:** Dá para enganar...)

Ana Lúcia Falcão: Eu não sei, eu acho que atrapalha porque a palavra é mais importante do que,..., eu acho que a questão da palavra está mais ligada à questão da fenomenologia. Mas quando a palavra é inscrita, já está inscrita....eu acho que não é necessário, não é?

Edna Mendes: Talvez a gente pudesse cuidar melhor da gravação não é se...(**Paulo Medeiros:** Mais gravadores) não, fazer o gravador ficar perto de quem está falando. Não, agora não, senão eu paro de falar (rindo). (**Lídia Goldfarb:** Esse é o problema.) eu não gosto desse negócio não (rindo).

João Rêgo: Talvez criasse alguma inibição.

Rachel Bastos: É, porque passar o gravador é mais fácil, é melhor do que filmar.

Pedro Leonardo: Mas olhe, eu estou propondo que alguém se disponha a escrever sobre essa reunião. Não é gravar ou fazer a transcrição não, é escrever sobre o que houve.

Gedalva Rapela: Ahhhhh!!!!

Paulo Medeiros: Mas eu acho que pode se fazer as duas coisas. A transcrição e o escrito.

Pedro Leonardo: Mas claro, mas claro, não são excludentes não.

Eugênia: Eu gostaria de fazer isso, mas não é sobre a reunião toda não, é sobre o meu sentimento...

Pedro Leonardo e Paulo Medeiros: Claro !!!É isso, é isso!!! ótimo!!!

Pedro Leonardo: A frequência dessa reunião, eu acho que mensal é muito,..., eu acho que de dois em dois meses....,

Everaldo Soares Jr.: Eu acho que bimensal....

Edna Mendes: Uma vez por mês fica demais, a gente já faz tanta coisa...

Pedro Leonardo: Eu não vou agüentar ficar aqui um sábado inteiro todo mês, fica então de dois em dois meses?

(*todos concordam*)

Paulo Medeiros: Tem material aí para ser distribuído, que pode ser lido e discutido na próxima reunião...

Pedro Leonardo: Não é, Eugênia, na próxima a gente vai ter a transcrição, tem o seu escrito e tem esse material para a gente trabalhar em cima..

Everaldo Soares Jr.: Tem a transcrição, tem esse material e tem o escrito de Eugênia...

Paulo Medeiros: E outros escritos...

Everaldo Soares Jr.: Bom, eu coloco a gravação aqui - e é provável que tenha ficado razoável -, a disposição tá?

Everaldo Soares Jr.: Está na hora de marcar a data, ou então continuar. Como é mesmo aquela história da autorização, reconhecimento que a instituição faz?

Gedalva Rapela: A próxima reunião será 13 de julho.

Paulo Medeiros: Formação de Analistas, Formação do Analista, ou Formação dos Analistas, como é que a gente designa isto?

Everaldo Soares Jr.: Formação do Analista, é singular *do, de* é em série produção em série, e *dos* é coletivo.

Paulo Medeiros: Formação do Analista.

Lídia Goldfarb: Protesto!!! (**Paulo Medeiros:** Por quê?) Por que masculiniza sempre?

Everaldo Soares Jr.: Pula essa...

Bibliografia

VALABREGA, Jean-Paul. A Formação do Psicanalista. [*La Formation du psychanalyste. Belfond, paris, 1979*] Editora Livraria Martins Fontes. São Paulo, 1983.

WEILL, Alain Didier (org.). Fim de uma Análise, Finalidade da Psicanálise.- Colóquio na Sorbonne 18 a 24 de maio de 1987. [*Fin d'une analyse, finalité de la psychanalyse. Les Éditions Solin. Paris. 1989*]. Coleção Transmissão da Psicanálise N° 32. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor. 1993.

WEILL, Alain Didier. Inconsciente Freudiano e Transmissão da Psicanálise. [*Transmission de l'Inconscient Freudien; Copyright Alain Didier Weill; Paris*]. Coleção Transmissão da Psicanálise N° 06. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor. 1988.

POMMIER, Gérard. A Neurose Infantil da Psicanálise. [*La nevrose infantile de la psychanalyse. Ed. Point Hors Ligne. Paris. 1989*]. Coleção Transmissão da Psicanálise N° 28. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor. 1992

POMMIER, Gérard. O Desenlace de uma Análise. [*Le dénouement d'une analyse. Ed. Point Hors Ligne, Paris. 1987*] Coleção Transmissão da Psicanálise N° 16. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor. 1990

SAFOUAN, Mustapha. Jacques Lacan e a Formação dos Analistas. Ed. Artes Médicas, Rio Grande do Sul, 1985

^{NT} Nota do Transcritor: Aqui se percebe um lapso na fala de Isabela, onde ela pretendia dizer *formação*, disse *instituição*.

LACAN, Jacques. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École, Scilicet , N° 1, Paris, 1968

FREUD, Sigmund. A questão da Análise Leiga (1926). [*Die Frage der Laieanalyse (G.S., 11,385-94 e G.W., 14, 287-96) Trad. Inglês: The Problem of Lay-Analyses, New York. Bretano*]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol.XXI. Rio de Janeiro. IMAGO 1974